



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

KELLY CIPRIANO SOUSA BRANDÃO

PARECE, MAS NÃO É:
ANÁLISE SOBRE AS DETERMINAÇÕES DA MERCADORIA PORNÔ
FEMINISTA

Uberlândia
2019

KELLY CIPRIANO SOUSA BRANDÃO

PARECE, MAS NÃO É:
ANÁLISE SOBRE AS DETERMINAÇÕES DA MERCADORIA PORNÔ
FEMINISTA

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção da graduação de bacharel e licenciatura em Ciências Sociais, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rafaela Cyrino.

Uberlândia
2019

PARECE, MAS NÃO É:
ANÁLISE SOBRE AS DETERMINAÇÕES DA MERCADORIA PORNÔ
FEMINISTA

KELLY CIPRIANO SOUSA BRANDÃO

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção da graduação de bacharel e licenciatura em Ciências Sociais, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rafaela Cyrino.

Prof^a. Dr^aa. Rafaela Cyrino

Prof^a. Dr^aa. Patrícia Trópia

Prof^a. Dr^a. Cristiane Betanho

Data da defesa: __ / __ / __

Uberlândia
2019

Dedico o encerramento desse ciclo a todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada: família, amores, amigos e professores, atribuições que, por vezes, se confundem na loucura que é estar vivo.

*Vale muito ter lutado e cantado, vale muito ter
vivido se o amor me acompanha*

Pablo Neruda

RESUMO

A presente pesquisa buscou pensar as determinações da mercadoria *pornô feminista*, centrada nas produções referentes à empresa Erika Lust, a partir da problemática posta pela relação que coloca o consumo como mediador de autonomia dos sujeitos. A superfície do pornô feminista nos apresenta um produto supostamente voltado a igualdade de gênero, partindo do pressuposto de que a pornografia convencional e massificada, seria resultado de um processo construído a partir da ótica masculina, em detrimento do prazer feminino. Contudo, sua manifestação mais aparente oculta as relações que constituem sua estrutura e dinâmica. Para investigá-las, recorreremos à Análise Crítica do Discurso a fim de desvelar aos aspectos ideológicos contidos nas condições de produção desse corpo discursivo que estabelece conexões com a representação social e a atividade produtiva. O pornô feminista reivindica a associação com o feminismo, pois afirma vender um produto ético e capaz de mediar o processo de empoderamento, transformação, autonomia e liberdade das mulheres que o consome. Consideramos como hipótese central a ideia de que tal apropriação do termo “feminismo” cerceia o caráter político e coletivo, próprio desse movimento, promovendo sua instrumentalização, para fins mercadológicos, seguindo a tendência de criação de mercados de soluções, sustentados pela ética individual no consumo. A mercadoria pornô feminista parece, à primeira vista, uma possibilidade de transformação sobre a forma como a pornografia é convencionalmente produzida, contudo, suas determinações demonstram uma estrutura sistematicamente construída por concepções mercadológicas, baseadas em estudos que compreendem todo o processo de troca.

Palavras-chave: pornografia; feminismo; mercadoria; marketing.

ABSTRACT

The present research sought to think the determinations of feminist porn, centered on productions referring to the Erika Lust company, from the problem posed by the relationship that shows consumption as a mediator of individual's capacity. The surface of feminist porn presents us with a supposedly gender-oriented product, part of the assumption that conventional and mass pornography would be a result of the process created from the male perspective, to the detriment of female pleasure. However, its most apparent manifestation hides the relations that constitutes its structure and dynamics. To research it, we resorted to Critical Discourse Analysis with the purpose of unveiling the ideological aspects contained in the conditions of production of this discursive structure that establishes connections with a social representation and a productive activity. Feminist porn claims an association with feminism because it asserts to sell an ethical product, capable of mediating the process of codification, transformation, autonomy and freedom of women who consume it. We consider as central hypothesis, that the idea of appropriating the term "feminism" surrounds the political and collective character of this movement, promoting its instrumentalization, for marketing purposes, following a tendency to create solution markets, sustained by the ethics of individual consumption. Feminist pornography seems at first glance, to be a possibility of transformation of how conventional pornography is produced, yet, its determinations demonstrate a structure systematically created by marketer conceptions used in studies that comprehend the whole exchange process.

Key words: pornography; feminism; merchandise; marketing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	8
2. “A PORNOGRAFIA É UM GRANDE NEGÓCIO” – COMO A REPRESENTAÇÃO DO SEXO SE TORNOU MERCADO.....	11
2.1 EROTISMO versus PORNOGRAFIA: A UNIÃO DOS CONTRÁRIOS NA REPRESENTAÇÃO DO SEXO?	14
2.2 COMO A REPRESENTAÇÃO DO SEXO CHEGA AO PATAMAR DE INDÚSTRIA.	20
2.3 FEMINIST SEX WARS: PERCEPÇÕES FEMINISTAS SOBRE A PRODUÇÃO PORNOGRÁFICA.....	26
3. FEMINISMO: TRANSFORMAÇÃO DE <i>SUBSTANTIVO</i> EM <i>ADJETIVO</i>	31
3.1 TOMANDO UM PONTO DE VISTA SITUADO:.....	344
3.2 DE QUE FEMINISMO FALA O <i>PORNÔ FEMINISTA</i>?	38
4. SISTEMATIZANDO O <i>FEMINISMO</i> COMO ESTRATÉGIA DE MARKETING.	45
4.1 ESTRATÉGIA <i>FEMINISTA</i> DE POSICIONAMENTO.	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	61
6. BIBLIOGRAFIA:.....	66

1. INTRODUÇÃO:

Talvez uma das questões mais caras ao desenvolvimento desse trabalho tenha sido a investigação sobre o que é pornografia, bem como a trajetória histórica por ela percorrida. Investigar a produção de imagens de representação do sexo na história da humanidade e, sobretudo, compreender os limites que separam – e aproximam – arte e obsceno; erótico e pornográfico demandaram uma atenção especial e uma imersão neste campo de estudo delicado e controverso. A tarefa de trabalhar pornografia na academia se constitui como esforço de busca e paciência, por razões diversas. Por se tratar de uma temática não convencional nos estudos acadêmicos, há a dificuldade constante em encontrar fontes que abordem o tema dentro da perspectiva das Ciências Sociais, sendo necessário recorrer a análises de outras áreas do conhecimento, para que seja possível ter, mesmo que minimamente, uma compreensão dos processos pelos quais as representações literárias e visuais do corpo e do sexo percorreram até constituir-se o que conhecemos como pornografia e, mais adiante, como a grande e lucrativa indústria pornográfica.

Além disso, fui “agraciada” com certo desconforto à medida que me aprofundava neste debate. Em partes, tal desconforto se deu por eu nunca ter sido, de fato, uma consumidora de pornografia, o que dificultou ainda mais minha noção sobre determinados termos, práticas, nomes, questões técnicas, enfim, elementos que compõem a complexidade dessa indústria. Diante do obstáculo representado por minha falta de conhecimento sobre o produto pornográfico, precisei buscar por uma compreensão que ultrapassasse os livros e teses acadêmicas.

Dessa forma, passei também a pesquisar diretamente nas fontes: assistir a vídeos, acessar sites pornô, conversar com pessoas que consomem essa mercadoria e este não foi um trabalho simples. Estamos tratando aqui de um objeto de caráter controverso, que se configura como algo de peso no imaginário social. Não há como negar que imagens em movimento de cunho sexual provocam estímulos nas pessoas, caso contrário, não seriam tão consumidas quanto são.

Por outro lado, as mesmas imagens que estimulam os indivíduos a algo que lhes é natural – o sexo – também carregam especificidades do contexto em que se inscrevem. O pornô responde a certos parâmetros das relações desses mesmos indivíduos, sobretudo

no que se refere às relações socialmente construídas entre homens e mulheres. Sendo assim, a construção do produto pornográfico lança mão de elementos que estão explícitos na hierarquia estabelecida entre os sexos e assim, reproduz, quase que de forma hegemônica, situações de dominação e desigualdade entre eles.

Assim, o contato empírico com meu objeto se colocou como mais uma dificuldade no desenvolvimento do meu trabalho. Ainda que a produção científica exija certa objetividade no trato com o objeto pesquisado, estamos lidando com algo que atravessa de forma intensa a subjetividade das pessoas, seja cumprindo com seu objetivo – o de excitar o consumidor -, seja promovendo desconforto, por ser explícito ou, até mesmo, causando gatilhos em função da reprodução de situações de violência.

Ao passo que avançava no estudo sobre o tema, fui me dando conta do quão amplo e conflituoso é este campo, haja vista existirem posições e leituras contrárias sobre o que é pornografia, como ela se circunscreve na dinâmica social e qual a intensidade dos efeitos que promove na socialização de homens e mulheres. Muitas dessas leituras, sobretudo no feminismo, apresentam compreensões distintas sobre o tema e disputam espaço de legitimidade, como veremos mais adiante.

A princípio, meu interesse em desenvolver essa pesquisa estava mais direcionado ao estudo da pornografia enquanto mecanismo de criação e perpetuação de uma das faces da subordinação das mulheres, bem como, é claro, da possibilidade de uma educação sexual a partir da pornografia. Contudo, ao passo que buscava conhecer mais esse campo, um produto despertou minha atenção: o *Pornô Feminista*. Controverso desde a nomenclatura, este novo segmento da indústria se realiza na intenção de servir como alternativa ao que é vendido pelo pornô mainstream, se pautando na produção de materiais voltados a lógica de valorização do prazer feminino e afirmando trabalhar com temáticas inclusivas que fujam às representações heteronormativas da sexualidade.

A superfície do pornô feminista nos apresenta um produto supostamente voltado a igualdade de gênero, partindo do pressuposto de que a pornografia convencional e massificada, seria resultado de um processo construído a partir da ótica masculina – que seria essencialmente sexista - e que, por isso empurraria a sexualidade feminina para o limbo da representação subalterna e submissa. A manifestação comum da pornografia, com a qual viemos lidando desde seu estabelecimento enquanto indústria, não responderia mais aos anseios consumistas de quem esteve ocupando os espaços de inferioridade nessa

via de entretenimento. A solução para o que a pornografia produz e reproduz sobre as mulheres se coloca, então, como uma reformulação do jogo. As peças são trocadas de lugar: os homens, que outrora ocupavam os espaços de direção e produção dos filmes, saem de trás das câmeras, dando espaço para as mulheres, envolvidas no processo dessa pornografia, desde a intenção de elaboração do enredo, até a composição de cenas. Tudo nessa mercadoria passa a ser pensado para agradar as mulheres, e não mais aos homens.

O nível mais aparente do fenômeno, contudo, oculta uma série de relações que constituem sua estrutura e dinâmica. Diante desse objeto atípico, a problemática que orientou a construção desse trabalho passou a questionar - para além do processo responsável por transformar a representação do sexo em produção de bens de consumo - como uma mercadoria, produzida sob condições de uma sociedade que se sustenta a partir da apropriação, dominação e exploração de mulheres, pode reivindicar capacidade de desenvolver autonomia e superação de uma condição estruturalmente desigual.

Desse modo, compreendendo a existência do conflito entre a perspectiva individualista desse campo e a cooptação da nomenclatura e de conceitos referentes ao movimento de emancipação política, social e econômica das mulheres, buscamos, por meio da Análise do Discurso, chegar aos elementos ideológicos constitutivos da linguagem utilizada pelo mercado da pornografia feminista, a fim de desvelar as relações ocultas por sua manifestação mais aparente. O discurso, na perspectiva dessa pesquisa, é entendido como representação da vida social, isto é, como parte da prática social que se difere em função do contexto em que estão inseridos os atores sociais, além de estabelecer conexões com a própria atividade produtiva (FAIRCLOUGH, 2005). Sendo assim, a Análise Crítica do Discurso auxiliou o desenvolvimento dessa análise na medida em que permitiu desvelar as manifestações contidas na linguagem que o Pornô Feminista opera em sua apresentação, na definição do contexto e no entendimento das condições de produção desse discurso, uma vez que práticas discursivas estão relacionadas aos processos históricos em que se inserem.

Considerando a pornografia e, mais especificamente, a pornografia feminista, uma categoria que resulta da síntese de múltiplas determinações, o empenho desenvolvido aqui percorreu o caminho de descamar nosso objeto central, para que fosse possível aproximarmos de seu movimento real e, não apenas, daquilo que mostra em sua camada mais aparente. Para tanto, optamos metodologicamente por trabalhar com o discurso de uma produtora de conteúdos adultos feminista em particular, *Erika Lust*, haja vista a produção

do subgênero pornô feminista ser demasiadamente ampla e haver grande possibilidade de coleta de material discursivo a partir dos sites de distribuição e promoção dos serviços dessa produtora. Este trabalho, portanto, na tentativa de chegar às contradições do fenômeno, expresso em uma relação que coloca o consumo como resolução para os conflitos oriundos da desigualdade estrutural entre homens e mulheres, foi desenvolvido a partir de três dimensões de investigação.

A primeira contemplou a tentativa de analisar a transformação da representação do sexo em produto, de modo a encontrar, na história dessa transformação, pistas sobre como a mercadoria pornô feminista se inscreve na indústria da pornografia. A segunda dimensão aqui abordada abrange a análise do nosso objeto pela ótica do feminismo, com o intuito de compreender em que propostas do movimento de mulheres essa ramificação do mercado pornográfico encontra espaço para reivindicar tal classificação. Por fim, a última dimensão apresentada por esse trabalho, busca entendê-lo a partir de sua sistematização mercadológica, responsável por instrumentalizar o termo feminismo, remodelando-o em uma etiqueta que confere valorização desse produto no mercado.

Fundamentalmente, buscaremos, a partir da mercadoria pornô feminista, em particular, a produção oriunda da empresa Erika Lust, levantar a problemática que considera o consumo como recurso de mediação no processo de autonomia desses sujeitos. Frente as condições de produção indústria capitalista, as controvérsias colocadas por nosso objeto, nos servirão como pistas para a investigação sobre a forma como essa mercadoria é construída, a partir de estratégias sistematizadas que compreendem sua idealização, questões técnicas e discursivas.

2. “A PORNOGRAFIA É UM GRANDE NEGÓCIO” – COMO A REPRESENTAÇÃO DO SEXO SE TORNOU MERCADO.

Oferecendo sexualidade como mercadoria embalada sob forma discursiva (...). Há para todos os gostos e apetites. Consome quem quiser (ou puder).

(Nunca Cesar Abreu, 2012: 49)

A questão central que permeou a construção dessa monografia foi a análise do chamado *Pornô Feminista*: novo segmento da indústria pornográfica que vem ganhando cada vez mais espaço nesse mercado e no debate feminista. Buscamos, então, investigar a apropriação dessa nomenclatura no atendimento a fins mercadológicos, pressupondo que há uma instrumentalização de pautas do movimento de mulheres que impele no esvaziamento do conteúdo político do feminismo. O pornô feminista se coloca como um subgênero de material semiótico da pornografia que tem como objetivo ser uma alternativa ao que é ofertado pela pornografia convencional. Está pautada na produção de materiais voltados a lógica de valorização do prazer feminino, através da negação das relações de dominação, comumente veiculadas pelos filmes, ensaios e literatura do gênero pornográfico.

Enquanto indústria, a pornográfica é munida de capacidade de modificação do seu produto, isto é, dotada de possibilidade de reinventá-lo para responder a necessidades de consumo diversas e muito específicas, inclusive, adaptando-o ao público que, de modo geral, mais atingiu negativamente: as mulheres. Dessa forma, recorreremos a análise da história da pornografia como instrumento para a compreensão do caminho que levou a representação do sexo ao patamar de bem de consumo, estabelecendo, portanto, recortes que nos auxiliem na investigação dos elementos envolvidos no processo que transformou o sexo em mercadoria. A história da pornografia interessa a este estudo na medida em que nos fornece pistas para a reflexão sobre a construção dessa indústria que, por meio da manifestação audiovisual de cunho sexual, estabelece a obtenção de lucro como fim último.

Na tentativa de analisar a emergência do pornô que se reivindica feminista, surge também a demanda por compreender o processo pelo qual a representação do sexo passou até se constituir como indústria, ou seja, como setor de mercado, gerador de lucro e produtor de mercadorias em massa, atendendo a necessidades de consumo extremamente diversificadas. Para isso, elencamos alguns pontos nessa história da pornografia que

servem como instrumento para entender como chegamos a situação em que o material pornográfico passa a ser produzido com o “fim” de comercializar o sexo. O que proponho aqui, então, é uma investigação sobre esse processo, uma vez que a história nos fornece pistas para entender como essa indústria surge, como se consolida e se modifica para ofertar produtos cada vez mais específicos e, obviamente, dentro desse núcleo de especificidades pornográficas, como um setor que lucrou e lucra bilhões com a veiculação de imagens de submissão e exploração feminina pode reivindicar ser uma manifestação do movimento de emancipação feminina.

Na primeira parte do capítulo trabalharemos a dicotomia entre erotismo e pornografia, buscando, para além de uma possível compreensão conceitual, entender os limites que separam e aproximam as duas categorias da representação sexual e, mais especificamente, como Erika Lust, enquanto objeto central deste trabalho se insere nesta discussão. Em seguida, investigaremos a trajetória histórica percorrida pela pornografia, de modo a encontrar pontos que auxiliem o entendimento do processo pelo qual passou a representação do sexo até se constituir o que hoje conhecemos como indústria pornografia, ramificada em subgêneros. E, por fim, adentraremos o debate da chamada *Guerra Feminista*, sobre as possibilidades de ressignificação da pornografia em contraposição a tese antipornografia.

A epistemologia da palavra *pornografia* vem do grego *pórne*, referente à prostituta. Enquanto gênero, a pornografia foi, segundo Jorge Leite Jr. (2006, p. 31), fundada no século II pelo escritor grego Luciano em o *Diálogo das Cortesãs*. Buscando uma definição para a palavra no dicionário Silveira Bueno (2000, p. 611), de língua portuguesa, temos que: “Pornografia, s. f. Material obsceno de diversos tipos (textos, gravuras, filmes, fotos, objetos).” Historicamente, a produção de imagens do corpo, dos órgãos genitais e do sexo sempre esteve presente, ainda que a compreensão do pornográfico não o fosse. Ainda recorrendo a Leite Jr. (2006), temos que:

A pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa à excitação dos apetites mais ‘desregados’ e ‘imorais’. (2006: 32)

Partindo do pressuposto de que a pornografia contém o obsceno, mas implica, para além do obsceno, na transformação do sexo em bem de consumo, o próprio surgimento da pornografia poderia ser visto como primeiro passo para a constituição da indústria pornográfica, o que, por sua vez, nos leva a questionar se a pornografia poderia ser

considerada, portanto, como uma mercantilização do obsceno. De acordo com Léia Menezes de Santana e Lindinalva da Silva Rubim (2017, p. 636), o termo *pornografia* só passou a existir a partir do século XVIII.

Até então a pornografia era uma forma de contestação, de crítica às autoridades religiosas e políticas, a partir da popularização da escrita e das tecnologias de impressão a pornografia tomou o rumo mais comercial e passou a ser difundida mais amplamente, já com o objetivo de produzir excitação e prazer sexual (KAMPF, 2008, apud SANTANA, RUBIM, 2017: 636)

Este trabalho assumiu então a perspectiva de pensar a pornografia como um produto cultural. Compreende-se assim que as imagens pornográficas foram e são lidas de formas diferentes, a depender do contexto histórico e social em que se inscrevem. Nesse sentido, ela apresenta um caráter específico na realidade contemporânea, proveniente do nosso processo histórico e cultural. A pornografia que, na Idade Moderna, era colocada como um instrumento de contestação política e religiosa, não é a mesma pornografia que, no século XX, se estabelece como indústria, conquistando espaços de legalidade e mercados cada vez mais particulares. Assim, pontuam Santana e Rubim (2007, p. 638):

O próprio entendimento do que vem a ser considerado pornográfico é fruto de contextos históricos. Para a Antiguidade as imagens de representações sexuais eram uma forma de celebração da vida, de exaltação da fecundidade, de louvor aos Deuses. Para a Idade Média o mais importante eram os personagens, padres, freiras e monarcas representados com intenção de crítica aos poderes políticos e religiosos vigentes (HUNT, 1999). A partir do século XIX as representações passam a ser lidas como produtos marcadamente voltados à estimulação da prática sexual. (SANTANA E RUBIM, p. 638)

Sendo a pornografia da qual parte nosso objeto de análise, uma expressão ligada propriamente ao estímulo da prática sexual, poderíamos considerar toda representação literária e audiovisual do sexo como pornografia? Se o pornô feminista existe na recusa do pornô mainstream, enquanto subproduto da desigualdade entre os sexos, como é possível que se diferencie dentro das mesmas delimitações que definem o pornô convencional como pornografia?

2.1 EROTISMO *versus* PORNOGRAFIA: A UNIÃO DOS CONTRÁRIOS NA REPRESENTAÇÃO DO SEXO?

Toda dicotomia pressupõe a disputa de espaço entre discursos opostos. Muito do que será discutido ao longo dessa monografia parte da análise de um fenômeno que se coloca em situação dicotômica e se realiza dentro desse conflito. O pornô feminista, centrado aqui na produção de Erika Lust, se vende como oposição ao que é ofertado pelo mercado pornográfico convencional, massificado. Ele existe porque se diferencia do normativo. No nível da aparência ele é o que é – a forma como se define - dentro dessa visão dualista que coloca pornográfica mainstream *versus* pornografia feminista.

Contudo, se a aparência se fizesse igual à essência do fenômeno, a pesquisa não seria necessária. Assim, nosso objeto central, o pornô feminista de Erika Lust, demanda que trabalhem em busca das relações que estão ocultas em sua produção, a partir das próprias oposições que o constituem. Por isso, a opção de trazer o debate acerca do que é erotismo e do que é pornografia, já na primeira sessão do capítulo se deu porque servirá como base para pensarmos as demais contradições postas pelo fenômeno que estamos estudando e, sobretudo, porque abre espaço para pensarmos o que de fato é a mercadoria pornô feminista e como ela transita dentro do universo da indústria pornográfica.

É importante ressaltar que estamos trabalhando com um debate controverso. Existe uma variedade de definições do que é o erótico, do que é o pornográfico e de formas de delimitar até que ponto vai cada uma dessas categorias nas imagens de representação do sexo. Carlos Gerbase, no texto *Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico e do pornográfico* (2006) argumenta que existem distinções plásticas, distinções psicológicas, intuitivas, estéticas, funcionais, narrativas e as distinções comerciais separando as categorias.

No campo das distinções plásticas, o material pornográfico seria aquele que exhibe os órgãos genitais, enquanto o erótico se atém a ação sexual sem colocar genitálias de forma explícita. As distinções psicológicas colocam as categorias em oposição na medida em que o pornográfico restringe a representação do sexo aos seus componentes mecânicos, enquanto o erótico considera - ou supõe-se que considera - as dimensões psicológicas e emocionais presentes na relação. As distinções intuitivas se dariam a partir não da capacidade de conceituar as duas categorias, e sim, simplesmente de reconhecê-las quando estamos diante delas, o que, por sua vez, nos leva a problemática de que os julgamentos intuitivos são estritamente individuais, isto é, não carregam em si fundamentação teórica. Em relação às distinções estéticas, o autor pontua que as produções pornográficas, geralmente, encontram-se no espaço do “mau gosto” e as

eróticas, seriam tratadas como obras de “bom gosto”, o que mais uma vez gera conflito, pois os critérios de valorização da estética são construídos em processos históricos, culturais e ideológicos, logo, não se aplicam como regra atemporal, ou si quer tem validade fora de seus contextos.

Aqui, as denominações “erótico” e “pornográfico”, fundamentalmente, vão se referir a categorias de classificação de produções fotográficas e audiovisuais que trabalham imagens de sexo. Segundo Nuno Cesar Abreu, no livro *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo* (2012):

O termo erotismo surgiu no século XX a partir do adjetivo erótico, derivado de Eros, deus do amor, do desejo (sexual) em sentido amplo. O impulso erótico, segundo Freud, expressaria “o desejo do homem de união com os objetos do mundo”. Amor enfermo, paixão sexual insistente, busca excessiva da sensualidade, lascívia são algumas das definições encontradas no dicionário. (ABREU, 2012: 23)

De acordo com a análise desenvolvida pelo autor, o embate entre as duas categorias oculta a ideia de segredo, uma vez que, *Erótico* e *Pornográfico* seriam formas de revelar, de expor algo que não deveria ser mostrado. Ao subtrairmos a pornografia - categoria que falaria diretamente à libido do sujeito - do Erotismo – que, por sua vez, da atenção aos sentimentos e emoções desses sujeitos – chegaríamos à sexualidade como resultado, como elemento comum entre as duas expressões.

De algum modo, os dois conceitos parecem estar sempre juntos, ou contidos um no outro. Ambos se referem à sexualidade e as interdições sociais e se expressam pela transgressão. São, cada qual a seu modo, expressões do desejo que triunfam sobre as proibições. As tentativas de separá-los têm sido historicamente inúteis, posto que se projetam num campo de contradições e ambiguidades, sempre presentes quando se trata de definir conceitos referentes à sexualidade e suas representações. (ABREU, 2012: 22)

Falta ainda desvendar o que há de diferenciador entre elas. A esse respeito, Nuno Abreu traz a discussão sobre o obsceno.

O conceito de obsceno é fundamental para iluminar a questão. Segundo Havelock Ellis, obsceno é uma corruptela do vocabulário scena, e seu significado literal é “fora de cena”, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na vida cotidiana. Aquilo que se esconde (apud Montgomery Hide, 1973: 14). Conforme o Novo Dicionário Aurélio, obsceno é “o que fere

o pudor; impuro, desonesto”, ou “diz-se de quem profere ou escreve obscenidades”. (ABREU, 2012: 25)

O obsceno, nessa perspectiva, seria uma forma de sedução que colocaria em evidência a verdade de maneira grosseira, recusando o uso sutil dos signos dos quais dispõe, se comportando de forma vulgar. A pornografia seria, portanto, um discurso veiculador da obscenidade, por mostrar aquilo que deveria estar escondido e, assim o faz, lançando mão da vulgaridade.

A respeito, Jorge Leite Jr. (2006) pontua que:

Os dois termos pretendem descrever um conjunto de sensações, sentimentos, ideias e atitudes relacionadas principalmente à temática sexual e suas figurações, mas, entre eles, existe uma enorme diferença implícita. A concepção de uma representação da sexualidade “pornográfica” e uma “erótica” visa uma separação sutil, porém persistente no imaginário ocidental. Conforme visto acima, a própria origem dos termos demonstra esta diferenciação. A pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa a excitação dos apetites mais “desregrados” e “imorais”. Evoca um conceito mais carnal, sensorial, comercial e explícito. “Erotismo”, em contrapartida, é algo tendendo ao sublime, espiritualizado, dedicado, sentimental e sugestivo. Como o próprio nome vem de um deus, não de “mulher da vida”, o tipo de paixão que sugere lembra a sutileza, a tensão sexual implícita mas não abertamente exibida. (LEITE JR., 2006: 32)

O argumento defendido por Leite Jr. e pelos demais autores usados como referência para pensar tal questão conduzem este trabalho a ideia de que o limite entre as duas categorias se encontra em uma diferenciação que beira a distinção social. Sendo assim, a aparência mais uma vez não mostraria por completo o que realmente torna as duas categorias diferentes. Ainda que, a diferença entre erotismo e pornografia seja instrumental, servindo como um mecanismo de escolha para o espectador definir sua preferência de consumo, há outra relação ocultada aí: a de diferenciação social.

A mesma imagem ou cena pode ser lida de duas formas a depender das técnicas artísticas empregadas em sua produção, que podem suavizar ou escancarar, tornando a representação do sexo mais artística ou mais esdrúxula. Desse modo, o erótico indicaria uma representação socialmente legítima do sexo, uma vez que, segundo Leite Jr. (2006: 35), os consumidores do erotismo se colocariam no grupo dos detentores de certo capital

cultural, já que a dicotomia entre as duas categorias representaria também um embate simbólico pela legitimação.

No caso da pornografia feminista produzida por Erika Lust, é possível notar, na construção do discurso de seu produto, que a tentativa de revalorização do erótico está dirigida não para qualquer mulher, como é possível notar no livro *Porno para mujeres*, escrito pela produtora, mas sim, para mulheres que detém certo capital cultural, em particular, àquelas que a própria Lust define como *mulheres modernas*. A sistemática delimitação feita por Lust perpassa a construção de um perfil bastante específico tanto das personagens dos filmes, quanto de quem os consome.

O público alvo que deseja atingir, portanto, não é amplo as mulheres. Lust busca atender a chamada “mulher moderna”. É a partir desse perfil de mulher moderna montado pela diretora que seus filmes pornográficos segmentarão ainda mais esse mercado. Lust chega a apresentar um quadro explicativo contrapondo pontos da pornografia convencional a pontos do pornô para mulheres. Nele, o direcionamento ao perfil da mulher moderna é demasiadamente claro.

Ainda que erótico e pornográfico sejam dois lados da mesma moeda – a representação do sexo -, os limites ocultos entre eles os colocam em campos distintos. A pornografia que, pela própria definição da palavra, alia-se ao socialmente excluído, buscaria evocar o prazer de forma esdrúxula, mas nem sempre de forma homogênea. As cenas de representação do sexo, divididas entre erotismo e pornográfica, quando parte da categoria pornográfica são ainda separadas em subdenominações: podem ser de caráter *softcore* ou *hardcore*.

O pornô *softcore* diz respeito às produções pornográficas que colocam cenas de sexo mais sutis, veladas, trabalhadas de forma mais sugestiva do que propriamente explícita. O pornô *hardcore*, por sua vez, expõe o sexo de maneira escancarada, dando enfoque às genitálias em todas as modalidades sexuais. No campo do *hardcore* há ainda a representação do sexo convencional e do não convencional, sendo este último, os fetiches, sadomasoquismo e afins.

Erika Lust perpassa em suas produções o campo do *hardcore*, uma vez que flerta, em diversos filmes, com as temáticas do sexo não convencional. Contudo, é interessante notar que a produtora cria mecanismos estéticos e de marketing que a permitem vender seu produto como artístico, sublime. Em seus sites, entrevistas, artigos é possível encontrar a atribuição “erótica” em diversos espaços. Lust vende um produto caro – um

filme chega a custar 20 dólares –, o que por si só já representa uma distinção social entre o seu público e os demais consumidores de entretenimento adulto. Não obstante, ao atribuir a denominação feminista à sua mercadoria, a produtora também diferencia seu produto dentro do mercado: é mais refinado, tem conteúdo, responsabilidade social.

Os estudos produzidos pela Escola de Frankfurt e, em particular, o realizado por Adorno e Horkheimer no livro *Dialética do Esclarecimento*, indica a tendência do mercado do entretenimento em produzir bens de consumo padronizados. Os autores sinalizam que:

As distinções enfáticas que fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (ADORNO, HORKHEIMER, ANO: 101)

Se “Sob o monopólio, toda cultura de massa é idêntica” (ADORNO, HORKHEIMER, ANO: 99), os produtos que, mesmo em sua confecção sejam realizados para o consumo da classe A, B ou C, são feitos sob a lógica da semelhança. Desse modo, o que de fato existem são sinais indicando determinado nível. Lançar mão da ideia do erotismo na construção do pornô feminista coloca as produções de Erika Lust em determinado nível, o que por sua vez, direciona a mercadoria para uma classe específica. O erotismo seria, portanto, o sinal que aponta a produção de seus filmes para o padrão da classe A. Embora sejam vendidos como diferentes, são produzidos sob a lógica da semelhança.

Em suma, a diferenciação não está no conteúdo em si, mas nos sinais que o dispõe ao consumo de grupos específicos – no caso, das mulheres modernas, detentoras de poder aquisitivo -, e assim, se estabelece a noção de estarem usufruindo de uma sexualidade sadia e bela, em oposição ao vulgar, posto pelo pornô convencional. De forma técnica, a pornografia produzida pelo feminismo de Erika Lust conta com um aparato de marketing que a todo tempo coloca seu produto em oposição ao que o convencional produz. Flertar com o erotismo é apenas um dos elementos que colocam sua mercadoria em um patamar

elevado – como veremos mais adiante nas discussões seguintes. O pornô feminista não é para o consumo de qualquer mulher.

2.2 COMO A REPRESENTAÇÃO DO SEXO CHEGA AO PATAMAR DE INDÚSTRIA.

O pornô feminista que buscamos analisar nessa monografia se constitui como subgênero bastante específico da indústria pornográfica. Sua emergência na contemporaneidade não aconteceu ao acaso. A produção de uma mercadoria tão singular e complexa no mercado pornô deve ser analisada a partir das questões postas pelo contexto em que surge. É evidente que se trata de uma resposta às movimentações da vida social dos sujeitos, mas o que se faz de fato necessário compreender é em que medida o mercado vem encontrando nas reivindicações desses sujeitos – no caso, as mulheres – um nicho, isto é, a possibilidade de criação de uma demanda. Para tanto, é preciso investigar a maneira como a pornografia se constituiu enquanto indústria, voltada a obtenção de lucro e dotada de capacidade de reinventar as mercadorias que produz, para que assim possamos situar o pornô feminista e, conseqüentemente, analisar a instrumentalização de pautas do movimento de mulheres. Dessa forma, na sessão que se inicia, recorreremos à trajetória histórica da pornografia, de modo a encontrar pistas que nos auxiliem a compreender o estabelecimento dessa indústria.

Como vimos anteriormente, definir a pornografia é uma tarefa bastante complexa, uma vez que a mesma não se realiza somente nas imagens de representação do sexo ou de órgãos sexuais. Alguns desses conteúdos são anteriores não só a indústria, mas também a própria noção de pornografia. De acordo com Santana e Rubim (2007):

As primeiras representações de práticas e órgãos sexuais foram encontradas a cinco mil anos. No Egito antigo já se viam desenhos de felação e sexo entre homens, as estampas japonesas ancestrais também mostram imagens de jogos eróticos, e na América pre-colombiana foram encontradas figuras antropomórficas com enormes falos. Um grande número de cenas de orgias decora o templo de Lakshamana, na Índia. Na Idade Média os principais protagonistas das representações eróticas eram figuras demoníacas, com participação de freiras e monges. Importante lembrar também das descobertas nas escavações de Pompéia, no século XVII: um enorme acervo de imagens eróticas que, diga-se de passagem, por anos ficaram escondidas em uma área secreta no museu de Nápoles. (SANTANA, RUBIM, 2007: 637)

Usando o período entre os séculos XV e XVIII como delimitação histórica, a pornografia esteve carregada de uma função bastante específica e que destoa da referência que temos hoje. As representações do sexo neste espaço de tempo contemplavam a ideia de crítica as autoridades políticas e religiosas, em um contexto aristocrata, no qual a instituição religiosa exercia considerável relevância. Cabe ressaltar que, ainda que a função fosse diferente do que conhecemos hoje, a pornografia nesse período já possuía o caráter mercantil, uma vez que os livros do gênero eram comercializados.

No livro *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais: A Pornografia “Bizarra” como Entretenimento*, Jorge Leite Jr. (2006) apresenta um panorama sobre o lugar social ocupado pela pornografia em diferentes contextos históricos. Este trabalho, de grande relevância no campo de estudo das representações do sexo, foi fundamental para o desenvolvimento desta monografia, principalmente, para a elaboração deste capítulo, uma vez que o autor contribui, de maneira enriquecedora, com a análise histórica, elencando como a pornografia se situou em diferentes momentos da história.

Na Inglaterra do século XVII as questões referentes à libertinagem sexual eram usadas com o intuito de fragilizar o poder monárquico. Na França, século XVIII, os textos pornográficos eram incluídos na categoria de livros filosóficos, junto aos de política e filosofia. A Holanda, durante os séculos XVII e XVIII, que já se constituía como território republicano, foi fundamental para o negócio da pornografia na Europa, isto, pois muitos dos livros que eram proibidos no restante do continente passaram a ser impressos e publicados em território holandês.

Partindo da concepção que compreende a pornografia como um discurso produzido a partir do contexto histórico-social, a “coisa” pornográfica tendo a excitação sexual como fim último passa a existir, segundo Jorge Leite Jr. (2006: 45), a partir do final do século XIX. A partir da consolidação do Estado Nacional moderno, o cotidiano da vida urbana se acelera, aumentando a aglomeração desses espaços e, por consequência, a produção e o consumo.

Percebe-se, já neste período, que o obsceno está intimamente associado ao universo popular, à tecnologia e ao comércio. Ou seja, a obscenidade na representação sexual aproveita o incremento da editoração, desenvolvendo-se como lucros e possuidor de um público ávido de descobrir novos “segredos” até então violentamente proibidos. (LEITE JR., 2006: 44)

À medida que a escrita e a impressão se propagaram, as camadas mais populares do meio urbano europeu também passaram a compor a massa de leitores. Podemos considerar, portanto, que a tecnologização da impressão promoveu uma espécie de expansão da pornografia de caráter literário, no sentido de abrir espaço para sua produção e consumo em massa. No que se refere à literatura também há uma lógica de produção e consumo, contudo para um público reduzido.

A produção e consumo em massa, propiciados pela tecnologização, abre caminho para entrada daquilo que conhecemos como *Indústria Cultural*, responsável por criar mercadorias cada vez mais padronizadas e possibilitando que a pornografia se estabeleça como uma categoria. Graças a homogeneização e padronização pornográfica foi possível produzir uma pornografia para todos, assim como fez Henry Ford em sua pretensa intenção de que todos pudessem adquirir o *Ford T preto*.

Para Jorge Leite Jr. (2006: 63), o caminho percorrido pela pornografia a partir de então, vai conduzindo-a para o caminho da produção cultural. A oposição a ela deixa o político e o religioso e passa a ser uma questão moral. Desse modo, o autor pontua que: “A luta pela pornografia a partir de então não é mais para contestar o sistema sócio-econômico, mas para ser melhor aceita por ele”. (LEITE, 2006:63)

A pornografia vai, então, adentrando o campo mercadológico. Os atores sociais que a compõem – sobretudo no que tange a produção – vão deixando de ser considerados libertinos e promíscuos, para se tornarem homens de negócios e, desse modo, vai-se, aos poucos, erguendo uma indústria que visa, como fim último, a geração de lucro.

Nestas novas mercadorias, o sexo perde sua intenção de transgressão contra as estruturas sociais vigentes e torna-se expressão da uniformização dos desejos e padronização dos prazeres. (LEITE JR. 2006: 64)

Em 1888 a empresa estadunidense *Eastman Co.* lança a *Kodak*, primeira máquina fotográfica a usar rolo flexível como filme e produzida para o uso de não profissionais, tornando a produção de imagens mais acessível. Em 1895 os irmãos *Lumière* criam o cinema. O cinema, entre outras coisas, permitiu aos indivíduos o estabelecimento de uma relação entre o real e a fantasia. Criou uma nova forma de entretenimento, promovendo a produção cultural e fomentando cultura de massa. Dois grandes adventos da tecnologia. Dois grandes instrumentos para interação entre os indivíduos e, os principais motores para a produção da indústria pornográfica.

Com o desenvolvimento da indústria cultural, a pornografia se traduz em produtos, de acordo com princípios de produção cultural em massa. A representação transgressiva da sexualidade ganha formatos e padrões, tornando-se mercadoria, cuja circulação se faz influente na estruturação da sexualidade das chamadas sociedades do consumo. (ABREU, 2012: 48)

A fotografia pornô com seu boom nos anos de 1940 seguiu, de início, a tradição dos “nus artísticos” retratados pelas pinturas de então, mas, em se tratando de um trabalho empenhado em pensar a pornografia – especialmente - do ponto de vista mercadológico, daremos ênfase àquilo que consideramos o divisor de água da fotografia pornográfica: *Playboy*. A famosa revista estadunidense, fundada por *Hugh Hefner*, assumiu um papel fundamental na trajetória histórica que buscamos investigar aqui, pois foi responsável por incluir definitivamente o pornô na cultura de massa.

Os Estados Unidos da América dos anos de 1950 são, antes de tudo, o esqueleto da sociedade do consumo. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o “triunfo” estadunidense promove a propagação do chamado *American Way of Life* e, assim, a comunidade é bombardeada com a propaganda consumista, atrelada à ideia de prosperidade. Além disso, o imaginário social da época pautava a concepção de família tradicional e é, neste contexto de conservadorismo e consumismo, que Hugh Marston Hefner funda em, 1953, a revista *Playboy*.

Até então o nu retratado em fotografia não era incorporado ao estilo de vida sofisticado e este é o grande triunfo de Hefner. Mais do que vender imagens de mulheres nuas, a pretensão da revista era vender um modo do homem urbano se colocar no mundo. As revistas continham textos de ficção, seções de música, artes e esportes, entre outros elementos da vida social daquilo que consideravam como um homem rebuscado.

Cabe aqui ressaltar as semelhanças entre o que Hefner propôs ao conceber a *Playboy* e Erika Lust, nome de grande relevância no Pornô Feminista e objeto de análise central deste trabalho. Assim como Hefner, Lust se empenha em vender um produto tangível acompanhado de algo imaterial: um estilo de vida. Não se tratam apenas de duas empresas produtoras de pornografia – resguardadas as devidas especificidades estéticas e técnicas - e sim, de produtoras de *uma forma de se colocar no mundo*. Tanto Hefner quanto Lust superam a ideia do sexo pelo sexo, pois apresentam ao público consumidor um ethos perpassado por noções de sutileza e refinamento.

As mulheres modernas, para as quais o pornô feminista busca falar diretamente são, as que Lust considera como trabalhadoras e detentoras de certo grau de poder aquisitivo, que as permita comprar mercadorias como iPhones, produtos da Mac, Vespa, Armani e Mango. Não se trata, portanto, como especifica a produtora, de mulheres que se insiram no estereótipo do comportamento sexual promíscuo. Ainda que delimite para quem seu produto é feito, Lust se refere o tempo todo a mulheres, no plural, criando uma ideia de categoria universal. Sua generalização atende ao objetivo mercadológico de vender um bem de consumo, como se fosse a própria possibilidade de conscientização das mulheres. O caráter ideológico de sua produção está justamente no condicionamento da emancipação feminina ao consumo.

A produção pornográfica em material audiovisual assumiu, a partir da década de 1970, um caráter de rompimento com a representação velada dos atos sexuais, destinados a proporcionar excitação no público consumidor (MAINGUENEAU, 2010). Desde sua disseminação enquanto gênero literário até a configuração que apresenta no atual contexto histórico-cultural, a pornografia faz uso dos mais diversos artifícios com o intuito de se reinventar enquanto bem de consumo. O ano de 1976 representa um marco imprescindível para essa indústria: o lançamento do filme *Garganta Profunda*. A produção de *Gerard Diamiano* foi o primeiro longa-metragem colorido e não mudo que exibia legalmente cenas sexuais.

Filmado em 16 mm durante seis dias em Miami, após alcançar sucesso em salas alternativas, foi ampliado para 35mm – o formato comercial – e lançado em agosto de 1972 num típico cinema de exploitation, o New World Theater, em Nova York. Ainda que deficiente em relação às outras formas de narrativa, o importante era que o filme tinha um plot, as ações de seus personagens eram plausivelmente motivadas e apresentavam uma coerência estrutural. Pela primeira vez um filme de longa-metragem colorido e sonoro – não um documentário ou pseudodocumentário, um stag mudo ou a exibição genital de beavers – integrava uma variedade de números sexuais em uma narrativa e era exibido legalmente. (ABREU, 1996: 79)

Garganta Profunda narra a história de Linda, interpretada por *Linda Susan Boreman* - conhecida popularmente pelo nome de *Linda Lovelace* - , uma mulher que tenta incessantemente atingir o orgasmo, mas sem sucesso. Sua busca a leva à uma consulta médica, na qual Linda descobre que seu clitóris está localizado na garganta, e assim, a história se desenrola em meio a cenas em que a atriz realiza sexo oral de maneira

profunda. Seis meses após sua estreia, o filme já havia sido assistido por mais de 500 mil pessoas, além de lançar no mercado pornô elementos que ainda são referência nas produções, como a técnica de ejaculação para a câmera, conhecida como *come shot* ou *money shot*.

O filme marca o primeiro encontro do público com o hard core “fálico”, uma conjugação sem precedentes de estrutura narrativa de longa-metragem e sexo explícito. É notável o impacto da plateia diante de cenas que se tornariam um componente essencial ao gênero que se anunciava: a ejaculação para a câmera (e, por consequência, para o público). (ABREU, 1996: 80)

A indústria pornográfica, até o momento harmoniosa, do ponto de vista da produção e do consumo, entra em crise com a popularização da internet. A massificação do entretenimento adulto possibilitada pela gratuidade online, a partir da primeira metade dos anos 2000, tornou o acesso ainda mais rápido e fácil, fazendo com esse produto se fizesse cada vez mais presente na vida social. Os filmes gravados e vendidos materialmente - no formato VHS ou DVD - saem de cena, abrindo espaço para o conteúdo gratuito, e assim, os sites aglutinadores de vídeos, como *RedTube*, *Xvídeos* e *Pornohub* ganham notoriedade. Nesses sites são os próprios usuários que postam o conteúdo, mas não lucram com isso, uma vez que as empresas donas desses sites passam a deter todos os direitos pelos vídeos adicionados.

O site de filmes adultos Pornhub recebeu 28,5 bilhões de visitas no ano de 2017, segundo estimativas publicadas pelo próprio site. Sendo a pornografia de hoje ofertada gratuitamente na internet, o dinheiro gerado com ela está diretamente ligado a quantidade de acessos nos sites do gênero. Não foi possível encontrar a arrecadação anual exata da indústria. Ainda que algumas reportagens sobre o tema ofereçam essa resposta, os valores acabam variando e não há, nos sites pornô, algo que se aproxime de uma prestação de contas. Segundo Carolina Parreiras (2015), o lucro dessas empresas advém dos dividendos dos anúncios e, também, de assinaturas de conteúdo, que garantem aos assinantes vídeos inéditos e de melhor qualidade.

A massificação da indústria pornográfica vai sendo colocada em questão a partir do surgimento de pornografias destinadas a atender públicos específicos. Passam a surgir, nesse contexto de popularização, produções voltadas a públicos muito particulares, como é o caso da pornografia gay, pornografia lésbica e a própria pornografia feminista, na qual concentramos nossa análise. Tais produções vão acompanhar a ascensão da política da

diferença, de base identitária, reivindicando a leitura da pornografia enquanto veiculadora do discurso heteronormativo e sexista. O pornô feminista, ainda que relativamente recente no mercado da pornografia, se configura como um mercado dentro do já consolidado mercado da pornográfica, contando com diversas produtoras especializadas no segmento, premiações próprias e até conferências acadêmicas.

2.3 FEMINIST SEX WARS: PERCEPÇÕES FEMINISTAS SOBRE A PRODUÇÃO PORNOGRÁFICA.

Adentrar a crítica feminista é um passo muito importante para a construção dessa monografia. Pessoalmente, dediquei boa parte de minha graduação aos estudos no campo do feminismo materialista e, assim, pude desenvolver uma perspectiva sobre o movimento de mulheres. Contudo, essas questões serão melhor destrinchadas no próximo capítulo. Por hora, vamos nos ater a analisar a maneira como a pornografia se inscreve dentro do debate feminista, a partir da chamada *Feminist Sex Wars*, sob a qual se desenharam duas agendas distintas e bem delimitadas sobre a pornografia, seus impactos na vida social e as possibilidades de superação dos impasses colocados por ela. Essas agendas divergentes implicaram na disputa entre dois discursos que buscavam – e ainda buscam, como veremos – espaço de legitimidade na crítica feminista: o discurso das chamadas *feministas antipornografia* e o das chamadas *feministas pró-sexo*. Mais uma vez, partiremos de uma dicotomia para desenvolver nossa análise. Sendo assim, nesta sessão do capítulo discutiremos em que vias se deu o conflito entre estas duas vertentes, além de pautar as principais contribuições de cada uma delas, na tentativa de buscarmos por uma reflexão crítica a respeito das questões ofuscadas por essa disputa.

Diante desse embate, uma questão me parece carecer de comentário: o feminismo, enquanto crítica e movimento social, não se realiza de forma homogênea. É fundamental que situemos o ponto de vista do qual partimos quando se trata de pensar a opressão das mulheres e suas propostas de superação e, se tratando de um debate sobre pornografia, não poderia ser diferente. Não existe uma leitura universal sobre o movimento, isto é, uma leitura que dê conta de todas as pautas de todos os sujeitos que compõem a categorias mulheres, pois a própria categoria não é universal, pelo contrário, é ampla e heterogênea. O ser mulher muda a depender do contexto e, se muda, mudam-se também suas

reivindicações. Portanto, é das divergências entre a própria categoria e as leituras a partir de pontos de vistas diferentes, que emanam debates como o que analisaremos nesta sessão.

O debate conhecido como *Feminist Sex Wars* foi acentuado no período entre os anos de 1970 e 1980, nos Estados Unidos da América e, segundo Menezes de Santana e Rubim (2017, p. 639) girou em torno de questões como: os caminhos necessários para se chegar a liberdade sexual da mulher, bem como a possibilidade das práticas sexuais da pornografia serem emancipatórias ou opressoras para as mulheres.

Em seu trabalho *Tchau tchau velho pornozão? A pornografia de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade*, Caroline Ribeiro Pátaro discorre um pouco sobre o contexto em esse debate ganhou força. No ano de 1986, sob pedido do então presidente Ronald Reagan, surge nos Estados Unidos da América a *Comissão Meese*, que se ocupou em discutir o histórico da pornografia, as possibilidades de punição para crimes de pedofilia e quais formas de conteúdo pornográfico poderiam ou não ser legais. A comissão em questão, segundo Pátaro, contou com a participação de juristas, advogados, religiosos e representantes do movimento feminista antipornografia, como *Andrea Dworkin* e *Linda Susan Boreman*.

Andrea Dworkin, feminista radical e antipornografia, ao lado de Catharine Mackinnon, produziu os textos normativos *Minneapolis Ordinance* e *Indianapolis Ordinance*, que traziam ferramentas jurídicas a proteção de mulheres, no que se referem às violências sofridas em decorrência da pornografia.

Pornografia é a subordinação sexual gráfica explícita da mulher através de imagens e/ou palavras, que podem incluir uma ou mais das seguintes características: (i) mulheres sendo apresentadas como objetos sexuais desumanizados, coisas ou bens de consumo, (ii) mulheres sendo apresentadas como objetos sexuais que gostam da dor ou da humilhação, (iii) mulheres sendo apresentadas como objetos sexuais que experimentam prazer sexual enquanto são estupradas, (iv) mulheres sendo apresentadas como objetos sexuais sendo enforcadas, cortadas, mutiladas, machucadas ou fisicamente cortadas, (v) mulheres sendo apresentadas em posturas ou posições de submissão sexual, servilidade ou exposição, (vi) exibição e redução da mulher às partes dos seus corpos, incluindo não apenas vaginas, seios ou nádegas, (vii) mulheres apresentadas como prostitutas pornatureza, (viii) mulheres sendo penetradas por objetos ou animais, (ix) mulheres sendo apresentadas em cenários de degradação, dano, tortura, sendo exibidas como imundas ou

inferiores, sangrando, machucadas ou mutiladas em condições sexuais. O uso de homens, crianças ou transexuais no lugar das mulheres no parágrafo anterior também caracteriza a pornografia (DWORKIN, Andrea R.; MACKINNON, Catharine A. apud RIBEIRO, Raísa Duarte da Silva. Obj. Cit., 2016, p. 21)

A outra componente citada pessoalmente, Linda Susan Boreman, é mais conhecida Linda Lovelace, atriz do filme *Garganta Profunda*, analisado na sessão anterior. Linda foi considerada a primeira pornstar e ganhou notoriedade na mídia. Alguns anos após deixar a carreira na indústria pornográfica, Linda relatou ter sofrido uma série de abusos – que incluíam estupro, agressões e remuneração indevida frente à bilheteria alcançada pelo filme mais conhecido -, sendo grande parte deles, cometidos pelo ex-marido Chuck Traynor, agente de seus trabalhos na indústria pornográfica. A partir disso, Linda passou a fazer frente ao movimento antipornografia, na tentativa de mostrar a violência que a glamorização do entretenimento adulto escondia.

O debate promovido pela Feminist Sex War, que teve início da década de 1970, efervesceu em um contexto de embate entre o discurso religioso sobre a sexualidade, aliado à extrema direita estadunidense, e à emergência da contracultura, do surgimento da pílula anticoncepcional e da contestação de condutas normativas voltadas as mulheres. Diante desse cenário, posições divergentes se desenharam e foram se desenrolando dentro do movimento feminista.

As chamadas feministas "antipornografia" pautavam-se na concepção de que a violência advinda da pornografia deveria ser suprimida, portanto, não sendo possível ressignificar a representação do sexo proveniente do pornô. A pornografia seria, de maneira bastante simplificada, a forma material da relação de poder entre homens e mulheres e, conseqüentemente, responsável por educar os homens por meio da objetificação do corpo feminino. Segundo Dworkin:

Na pornografia, cada elemento da subordinação é comunicado através do uso sexualmente explícito das mulheres: pornografia de fato é o que as mulheres são e para o que elas servem e como são usadas em uma sociedade calcada na inferioridade das mulheres. (...) O corpo da mulher é materialmente subordinado. Sexo é o meio material através do qual a subordinação é realizada. Pornografia é a instituição da dominação masculina que sexualiza hierarquia, objetificação, submissão, e violência. Como tal, a pornografia cria desigualdade, não como um artefato mas como um sistema de realidade social;

ela cria a necessidade por e os verdadeiros comportamentos que constituem desigualdade sexual (DWORKIN, 2000: 32)

Por outro lado, as feministas "pró-sexo" colocariam em análise um potencial a ser explorado na pornografia, considerando que a grande problemática não estaria na pornografia em si, mas no uso que dela é feito, seu objetivo final. De modo geral, as "pró-sexo" defendiam a ideia de que a expressão sexual poderia ser um elemento chave para o processo de libertação.

Nesta perspectiva, destaca-se a proposta de *Beatriz Preciado*, que defende a tese de que as diferenciações sexuais provêm das tecnologias sexuais e sociais, acreditando, portanto, que a pornografia trabalha de acordo com elas, suprimindo expressões e práticas que não respondem as condutas heteronormativas. Desse modo, para superar a problemática da pornografia, ao invés da censura, a produção deveria ser recriada a partir de um discurso que contemple os comportamentos sexuais fora do padrão.

Por oposição às políticas “feministas” ou “homossexuais”, a política da multidão queer não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”: são os drag kings, as gouines garous, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas.” (PRECIADO, 2011:14)

O pornô, ao ter sua produção e uso ressignificados, poderia subverter a lógica de dominação sexual, assim como propõe Erika Lust. No que se refere à Erika Lust enquanto objeto de análise, a autodenominação de "pró-sexo" se coloca como forma de reivindicar um lugar de fala. Como feminista pró-sexo e estudiosa de gênero e feminismo, a diretora se coloca em posição de credibilidade. Seu discurso constrói-se como legitimador do que se pretende atribuir ao produto vendido, pois questões que perpassam o movimento feminista conferem a ele esta característica. Erika Lust apresenta certa compreensão sobre o feminismo, logo é feminista e, portanto, seu produto também é.

A reflexão pertinente a este trabalho não seria propriamente a de julgar se consumir ou produzir pornografia é justo ou errado, e sim, de levantar a problemática por trás da atribuição destas nomenclaturas. Denominar uma parte do movimento feminista como "pró-sexo" poderia implicar na concepção de que a parcela que, para além de se

opor a pornografia, desconsidera a possibilidade de subversão, seria "contra-sexo", jogando-o para o campo da moralidade e não da análise crítica sobre um impasse que é de ordem social.

3. FEMINISMO: TRANSFORMAÇÃO DE *SUBSTANTIVO* EM *ADJETIVO*.

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada.

(Angela Davis, 2016: 146)

Na tentativa de destrinchar nosso objeto, o *Pornô Feminista*, a fim de desvelar de que modo se dá o esvaziamento do conteúdo político do termo *feminista* e sua apropriação como recurso publicitário, demos início a esse trabalho analisando-o pelo campo da pornografia. Buscamos assim, entender que diálogos são estabelecidos entre nosso objeto e as categorias de representação audiovisual do sexo e, de modo ainda mais amplo, como este se encontra no debate sobre a indústria pornográfica.

O Pornô Feminista pode ser compreendido, à primeira vista, como um conjunto de material audiovisual que se propõe a satisfazer uma necessidade feminina de consumir bens e serviços relacionados à sua sexualidade, fantasias e excitação. Carolina Ribeiro Pátaro, autora da pesquisa *Tchautchau velho pornozão: a pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade*, nos oferece a seguinte definição sobre esse segmento:

A pornografia feminista é uma *proposta estética e política* de produzir pornografias, em grande ou pequena escala, ou seja, com longas metragens, superproduções filmicas, fotográficas ou literárias ou com performances, pequenos curtas metragens, atos (solitários ou em grupo) em espaços públicos e manifestos, *baseados nas teorias e ideologias feministas* (PATARO, 2014: 17)

A nova modalidade de filmes adultos é recomendada em muitos dos sites das conhecidas “revistas para mulheres”: *Cosmopolitan*¹, *Glamour*²; em blogs voltados também a esse público, como *Papo Delas*³ e até mesmo em plataformas como *GI*⁴ e

¹ Disponível: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/amor-e-sexo/onde-encontrar-pornografia-feminista-na-internet/>>. Acesso em: 23/05/2018

² Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2018/01/porno-feminista-conheca-10-filmes-feitos-por-mulheres-e-para-mulheres.html>>. Acesso em: 23/05/2018

³ Disponível em: <<http://papodelas.com.br/porno-feminista-conheca-10-filmes-feitos-por-mulheres-e-para-mulheres/>>. Acesso em: 23/05/2018

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/sexo/pornografia-feminista-rejeita-ideia-do-corpo-ideal-21301278>. Acesso em: 23/05/2018

UOL⁵. Diante de um objeto tão inusitado, minha imaginação sociológica foi colocada a prova: como uma indústria que lucra internacionalmente com a veiculação de imagens de violência e submissão das mulheres poderia ser feminista? E para além desse questionamento – que talvez pareça bastante óbvio à muitas pessoas – como pode um produto, um bem de consumo, ser feminista? Mercadorias são passíveis de assumirem um caráter político e, por consequência, ocasionar algum impacto transformador na vida social?

A fim de responder a essas questões e, ainda seguindo a lógica de pensar a mercadoria *Pornô Feminista* para além da aparência, buscaremos, neste segundo capítulo, analisá-la pelo ponto de vista do *feminismo*. Sendo a atribuição *feminista* o que torna essa mercadoria diferenciada diante das demais opções de mercado, é fundamental que nos perguntemos: de que feminismo fala esse produto? Como e onde Erika Lust encontra instrumentos para a construção de seu argumento empoderador sobre um pornô para mulheres?

Partindo da perspectiva de análise do feminismo materialista francês e, em particular, da proposta de Christine Delphy (1980), no artigo *A materialist feminism is possible*, o feminismo é, por definição, um movimento social e, como tal, sua existência formula pressupostos fundamentais. Primeiramente, compreende-se a situação da mulher como fenômeno que promove inquietação, e que o ato de estar inquieto pressupõe a não naturalidade ou inevitabilidade desse fenômeno. O incômodo e, no limite, a rebeldia gerada pelo fenômeno é fator primeiro para a defesa da possibilidade de mudança e essa, por sua vez, implica em buscar pela origem social dessa situação.

O feminismo aqui, como bem coloca Delphy, é concebido como *Substantivo*, isto é, como palavra pela qual nomeamos os seres e denominamos as ideias. É, aqui, o nome que designa um movimento social que se posiciona frente os entraves, socialmente estabelecidos, às mulheres, buscando sua superação. Para tanto, faz-se necessário compreender as raízes desses entraves, partindo da desnaturalização das posições e atribuições colocadas aos sujeitos *mulher* em suas relações sociais concretas. O que não significa, portanto, considerar o feminismo como um movimento homogêneo, haja vista

⁵ Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/07/16/mulheres-tambem-gostam-7-sites-de-porno-focados-no-prazer-feminino.htm>> Acesso em: 23/05/2018

a própria categoria mulheres não ser homogênea, tal qual uma unidade na dinâmica social. Estamos nos debruçando sobre uma categoria perpassada por diversas variáveis que, ao serem equacionadas, resultam em um modo de ser particular, que ocupa um lugar também particular.

Um dos pressupostos fundamentais de um feminismo que utilize o método materialista é, portanto, a consideração de que as opressões estabelecem nexos causais entre si, estão interligadas. Assim, o feminismo materialista busca entender as relações sociais concretas rompendo com perspectivas idealistas em relação ao feminismo. Optamos por trabalhar com ele no que foi possível mobilizá-lo para análise de nosso objeto, sobretudo, no que tange a questão da tentativa de universalização da categoria mulheres pelo pornô feminista de Erika Lust, responsável por transformar esse substantivo em *Adjetivo*. O feminismo do pornô feminista perde seu caráter denominativo, passando a ser uma qualidade daquilo que nomeia: é a qualidade da mercadoria, ser feminista.

A naturalização promovida pelo marketing desse subgênero da indústria pornográfica nos fornece, também, caldo para a investigação acerca do chamado *Feminismo Liberal*, vertente do movimento de mulheres que se opõe diametralmente a compreensão de um sistema de opressão das mulheres que, por sua vez, supõe sua superação por via revolucionária, transformadora. Evocamos assim, observar o feminismo liberal, também como parâmetro analítico – em contraposição ao feminismo do qual falamos – a fim de compreender as aproximações entre ele nosso objeto.

Nosso objetivo aqui contempla compreender como a mercadoria *Pornô Feminista* se situa nas perspectivas - escolhidas metodologicamente para construção desse trabalho - que compõe o movimento de mulheres. Investigaremos, portanto, em que “lugar” do feminismo esse nicho de mercado encontra espaço para reivindicar associação com um movimento político, construído coletivamente em torno da emancipação de mulheres.

3.1 TOMANDO UM PONTO DE VISTA SITUADO⁶:

Como discutido, a mercadoria pornô feminista, analisada por esta monografia se coloca, a nível da aparência, como um bem de consumo diferenciado no mercado da pornografia, por apresentar não só uma relação próxima com o feminismo, como também por, supostamente, dever sua própria constituição a esse. A justificativa para tal associação é construída em bases publicitárias – como será melhor discutido no próximo capítulo – e essencializadoras, do ponto de vista crítico do *ser mulher*.

O pornô feminista, centrado aqui na figura/empresa Erika Lust, é vendido como um produto feito por e para mulheres: essa é sua particularidade. A universalização *mulheres*, contudo, oculta a relação de essencialização desses sujeitos. Ignorando as variáveis que interpelam tal condição, refere-se as mulheres como se fossem iguais, como se ocupassem os mesmos lugares socialmente e partilhassem das mesmas experiências. A noção de tornar essencial ainda se relaciona de maneira íntima com a naturalização do ser. O que pretendemos aqui, portanto, é demonstrar como a consideração da categoria mulheres enquanto homogênea, isto é, enquanto uma unidade na dinâmica das relações sociais pode ser perigosamente limitada, do ponto de vista teórico e, em última instância, limitadamente conveniente para o mercado. O *Porno para mujeres*⁷ reivindica pluralidade, mas se funda em premissas muito singulares. Quem são as mulheres que produzem esses filmes? Quem são as mulheres que consomem esses filmes? E, em termos mais incisivos: de que mulheres fala o feminismo proposto por essa mercadoria?

Nesse sentido, o feminismo que se fundamenta no método materialista nos serve como instrumento de análise para investigar o fenômeno em questão, uma vez que apresenta o anti essencialismo como prerrogativa para a compreensão de que a ideia de natureza é parte fundamental na opressão à mulher. O termo *Feminismo Materialista* foi cunhado em 1974, em artigo produzido pela socióloga francesa Christine Delphy e diz respeito a proposta de pensar as relações sociais entre os sexos a partir do método materialista, entendendo homens e mulheres como classes sociais, pertencentes à um sistema que os coloca em relação antagônica.

⁶ Referência a discussão apresentada por Helena Hirata no texto *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>>. Acesso em: 27 out 2019

⁷ Referência ao livro de mesmo nome de Erika Lust

O feminismo materialista de Delphy utiliza de duas fundações principais para a análise. São essas: uma teoria da história, pela qual busca compreender a dominação de grupos sociais por outros; e o postulado de que a produção e reprodução da vida material são a base da organização social. Logo, para o entendimento do feminismo materialista de Delphy deve haver a compreensão histórica da opressão sofrida pelas mulheres e como as relações materiais a definem. É de grande relevância para a teoria da autora a utilização da categoria da totalidade, uma vez que essa possibilita compreender como as diversas dimensões da opressão sofrida pelas mulheres se inter-relacionam: política, econômica, social, entre outras (CIPRIANO. SANTIAGO, 2018: 2)

Assim, o feminismo materialista tem como foco a base material da opressão das mulheres, ou seja, sua participação específica na produção, dando grande ênfase ao trabalho e a divisão sexual do trabalho, sobretudo na análise da dimensão econômica do trabalho doméstico e no papel deste trabalho, realizado por mulheres de forma invisível e gratuita para produção e reprodução das relações capitalistas. Mas tendo em vista, que mulheres não são uma categoria homogênea - e esta é uma questão central para essa perspectiva -, é fundamental para o feminismo materialista a compreensão das clivagens entre sexismo, racismo e o capitalismo. Entre as autoras dessa vertente da crítica feminista, destacamos as contribuições de *Christine Delphy*, como já explicitado, *Colette Guillaumin* e *Danielle Kergoat*, por apresentarem discussões desenvolvidas em torno dos conceitos de opressão, dominação, exploração e divisão sexual do trabalho, trabalhando com a categoria da Totalidade na análise das relações sociais e partindo da desnaturalização do ser mulher e, conseqüentemente, de sua situação inquietante.

É de suma importância ressaltar que a tentativa de localizar e estudar as raízes materiais da opressão leva em conta a noção de ruptura com aspectos estruturais. Estamos partindo da concepção de que opressões não estão alocadas em uma lógica hierárquica. Elas estabelecem nexos causais, se inter-relacionam, porque são estruturais. Não existindo, portanto, capitalismo sem racismo ou sexismo. Essas questões estão nas condições de existência do próprio sistema. Pensá-las tão somente por sua dimensão ideológica é condição básica para armadilha idealista de propor a solução desses conflitos a partir de uma mudança de mentalidade, quando na verdade, a mudança precisa contemplar a totalidade das relações desses sujeitos. Logo, partimos do pressuposto de uma revolução na consciência dos sujeitos não é possível sem que se coloque em discussão as práticas, instituições e as relações sociais de dominação concretas.

Homens e mulheres não se inscrevem socialmente como grupos naturais ou biológicos, dotados de características inatas. Não cabe, portanto, buscar por uma espécie de identidade feminina ou masculina, uma definição que recorra a cultura para chegar a essa essência desses sujeitos. Desse modo, o feminismo materialista recorre a definição desses sujeitos a partir de suas relações sociais concretas e históricas, compreendendo que se tratam de relações de classe, ligadas ao sistema produtivo, ao trabalho e à exploração de uma classe – das mulheres – por outra – dos homens.

Em sua análise sobre a natureza específica da opressão das mulheres, Colette Guillaumin nos apresenta a tese de que a apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens e a naturalização dessas relações são duas faces do mesmo fenômeno. Ao pensar a opressão das mulheres a partir da totalidade dessas relações, Guillaumin se ocupa em destrinchar o fato material e o fato ideológico responsáveis por exprimir relações de poder e discursos essencialistas sobre o ser mulher.

Para pensar a exploração faz-se necessário analisar a particularidade presente na força de trabalho feminina. A concepção de *força de trabalho* pressupõe que nossos corpos e energia são vendidos, haja vista esta ser condição para nossa sobrevivência, mas que somente a quantidade – de horas – vendida não pertence ao trabalhador. Esse sentido é insuficiente para entender a força de trabalho feminina. A própria não consideração do trabalho doméstico como trabalho demonstra a perda de propriedade da força de trabalho que, no fim, suprime a sua autonomia. Dessa forma, a autora vai demonstrar a existência de condições materiais, ideológicas e psicológicas para que mulheres se coloquem à disposição do outro, transformando-as em objeto.

É fundamental que trabalhemos com a recusa à ideia de naturalismo dentro do feminismo. Grande parte do que é observado no objeto pornô feminista demonstra que a construção dessa mercadoria se apoia no feminismo a partir da essencialização da categoria mulheres, promovendo assim, a instrumentalização do termo. Na tentativa de utilizar o peso político do termo, de forma a subverter a lógica sexista da indústria pornografia, o pornô feminista e, mais especificamente, a diretora Erika Lust, reforça aquilo que Guilliman chamou de *ideia de natureza*, responsável por promover impactos no processo de subjetivação do grupo mulheres. Ser tratada como *coisa* leva mulheres a enxergarem-se como coisa, a reproduzirem tal naturalização, limitando sua condição de sujeito às atribuições socialmente estabelecidas a seu sexo.

Em entrevista a alunas da Universidade Federal de Santa Catarina, a produtora sueca afirma que:

“Os meus filmes e o pornô feminista em geral têm um grande poder para alcançar mudanças sociais, principalmente em relação à liberdade sexual e à representação das mulheres nos meios de comunicação. O gênero se dedica a reivindicar a sexualidade da mulher excitando mentes e corpos juntos. Quando a mulher assiste um bom pornô, ela começa a entender e explorar a sexualidade: O que gosta, quer e precisa.” (LUST, E. O Prazer é meu: Participação e consumo de mulheres na indústria pornográfica: depoiment. [julho de 2014]. Florianópolis: *Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Jornalismo*. Entrevista concedida à Ana Paula Ferreira Mendes e Carolina Rodrigues Lisboa)

A fala da produtora Erika Lust apresenta, de forma clara, o objetivo instrumental do pornô feminista. Em sua explanação, a mesma demonstra uma visão voluntarista, compromissada com a perspectiva de transformação individual, sem discorrer sobre questões estruturais e culturais envolvidas em processos de mudanças sociais. Supondo assim, que a pornografia desse segmento tem o poder de conduzir a mulher consumidora por um processo de libertação, sem ao menos, desenvolver um conteúdo crítico das relações de dominação e desigualdade entre homens e mulheres. A atribuição "feminista" à essa mercadoria se coloca como uma mera identificação, algo que permite diferenciá-la das demais ofertas do mercado, apenas de forma superficial. Nesse sentido, seu discurso permite compreender que a capacidade de seu produto de levar a liberdade sexual das mulheres é proeminente do poder de compra.

A perspectiva de transformação a nível individual poderia ser comparada ao que Daniele Kergoat (2010) nos apresenta como mudanças nas *relações intersubjetivas*, em sua discussão *Dinâmica e Consustancialidade das Relações Sociais*. Partindo da concepção de que relações sociais são, fundamentalmente, relações de produção material e ideal, antagônicas entre dois grupos e, portanto, estabelecidas em torno de uma disputa, as relações sociais de sexo fundamentam um paradoxo: ainda que os conflitos sejam atenuados em determinado nível, são acentuadas em outro. Nos termos fornecidos pela autora, melhora-se a situação da mulher no mercado de trabalho, mas a divisão sexual do trabalho é intensificada.

Tal análise nos auxilia na compreensão de nosso objeto, o pornô feminista, na medida em que se entende que relações sociais formam um nó que não pode ser desatado a nível das práticas sociais. Desse modo, relações intersubjetivas - próprias dos indivíduos concretos e estabelecidas entre eles - são colocadas em oposição as relações sociais. Tratam-se de níveis distintos da realidade que, frequentemente, são confundidos. Ainda que mulheres tenham passado a produzir uma pornografia que outrora era dominada por homens, a exploração, dominação e opressão continuam a operar socialmente. A “mudança” mobilizou apenas o nível intersubjetivo, uma vez que produzir ou consumir pornografia feminista não promove efeitos transformadores nas condições impostas pelo sistema de opressão as mulheres.

3.2 DE QUE FEMINISMO FALA O *PORNÔ FEMINISTA*?

“*What is your definition of feminist porn?*”.⁸No principal site da produtora de filmes adultos, Erika Lust, é possível encontrar, além das produções audiovisuais, conteúdos discursivos. Algo semelhante a pequenos artigos e reportagens, que apresentam notícias, informações e análises sobre o universo da pornografia e do feminismo. Um dos artigos, nomeado com a frase citada acima, nos fornece pistas para a investigação que nos propomos a fazer nesta sessão. Lust, neste artigo em particular, procura apresentar a seus entusiastas uma definição do que é a pornografia feminista e, para tanto, traz a luz a seguinte consideração:

Eu acho importante que as mulheres se envolvam na produção de pornografia indie, porque a pornografia feminista não se refere apenas ao conteúdo, mas também à *emancipação das mulheres* e à possibilidade de dar vida às suas idéias e fantasias como seres sexuais como todos nós, sem sentir vergonha ou preconceito. A indústria pornô precisa de mulheres para chegar lá e mostrar ao mundo uma nova maneira de experimentar o sexo. (LUST, 2011. Disponível em: <<https://erikalust.com/what-is-feminist-porn/>>)

A incompatibilidade entre o discurso do pornô feminista de Erika Lust e um feminismo que se debruce sobre as relações sociais concretas é clara e promove questionamentos: a que mulheres Lust se refere quando fala em emancipação? Como

⁸ Artigo disponível em: <<https://erikalust.com/what-is-feminist-porn/>>. Acesso em: 27 out 2019

debatido na sessão anterior, o feminismo que acompanha esse subgênero da pornografia é atribuído como adjetivo, uma qualidade conferida a seu produto. O que não quer dizer, contudo, que estejamos partindo da concepção de que o pornô feminista tenha criado, por si só, um novo trato para com o movimento social de luta das mulheres.

O discurso que toma a perspectiva individualista e voluntarista de emancipação, a tentativa de universalização que recai sobre a naturalização dos sujeitos e o estabelecimento do consumo como mediador de um processo social mais democrático, inclusivo e libertador, já nos é um velho conhecido. Buscaremos, portanto, compreender a aproximação entre a prática discursiva do feminismo reivindicado por essa categoria pornográfica e as premissas liberais.

Ingrid Cyfer, no artigo *Liberalismo e Feminismo: Igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum*, o feminismo, enquanto movimento heterogêneo, diversificado quanto as experiências, pautas e metodologias de ação e análise, compartilha, em grande parte dos casos, da máxima *pessoal é político*. Tal consideração compreende que a conduta dos sujeitos produz e reproduz efeitos do contexto social e político em que se inscrevem. No caso do feminismo liberal, a máxima estaria restrita à ideia de preservação do espaço privado. Cyfer (2010) pontua que:

[...] O liberalismo político tem uma relação privilegiada com o discurso feminista, que desde sua origem incorporou muitos de seus conceitos e premissas. As primeiras feministas encontraram na dicotomia liberal público-privado o argumento para salvaguardar um espaço em que a mulher pudesse gerir sua conduta sem a interferência estatal na distribuição de papéis sociais. Reivindicações feministas típicas como o direito ao aborto, ao trabalho, à liberdade sexual, entre outros, aparecem frequentemente atreladas à noção de autonomia, entendida principalmente como não-intervenção estatal na esfera da privacidade do sujeito. (CYFER, 2010: 136-137)

Um feminismo de caráter liberal estaria menos interessado no debate de questões socio-estruturais e mais voltado à perspectiva da igualdade de direitos, a paridade entre os sexos, no que diz respeito ao mercado de trabalho e atuação na política institucional, por exemplo. Cabe ressaltarmos aqui a importância que esse viés assumiu na primeira onda feminista, orientada, sobretudo, pela questão do sufrágio.

Em 1791, Olympe de Gouges apresentou ao mundo a *Declaração dos Direitos da Mulher e cidadã*. Assim como o pornô feminista, que existe sob a premissa de mulheres

ocuparem espaços de destaque na indústria pornográfica, o documento em questão foi proposto a Assembleia Nacional da França, durante a Revolução Francesa, com o intuito de igualar-se à *Declaração dos Direitos do Homem e cidadão*. O princípio ideológico do qual compartilham os sujeitos que discursam a partir da universalização e da busca por igualdade - não pelo fim da opressão - se manifesta por vias reformistas. O documento prevê: “Art. II - O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem: Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.”.

A “conservação dos direitos imprescritíveis da mulher” aqui nos remete a algo familiar. O processo de universalização, tal qual é realizado pelo pornô feminista de Lust, oculta as relações sociais que essas mulheres estabelecem e que são perpassadas por aspectos que delimitam sua participação política, seu acesso à direitos e até a tão aclamada liberdade - demasiadamente individual, sobretudo no que o discurso do pornô feminista apresenta. Que mulher poderia ser livre e proprietária na França em 1791? Que mulher pode reivindicar sua sexualidade por meio da compra de produtos ligados a indústria do sexo, num contexto em que estupro, feminicídio, abandono paterno, criminalização do aborto, desemprego, extrema pobreza, dupla jornada de trabalho e violência policial, são colocados como condições?

Tentativas de universalização desta categoria deixam escapar as particularidades que atravessam o ser mulher. Mulheres não são apenas mulheres: são ricas, pobres, brancas, negras, heterossexuais, lésbicas, transexuais. Ainda que compartilhem algo em comum, todas essas especificidades promovem experiências diferentes e impactam a opressão vivida. Assim, o grupo “mulheres”, em relação a suas idiossincrasias, formulam interesses estratégicos e propõe soluções respectivas a seus contextos.

Lust, no livro *Porno para Mujeres* - fonte de enorme relevância para o desenvolvimento desta monografia -, uma espécie de manual da pornografia feminista, deixa claro que seu produto é direcionado para mulheres, ainda que não exclua os homens da construção de seu projeto. Segundo Lust:

Nós queremos ver homens modernos que compartilhem nossos valores, homens que respeitem as mulheres, homens que nós achamos atraentes. Homem não precisa ser o príncipe encantado. Todo mundo sabe que nós mulheres podemos nos tornar ligadas a homens aos quais não éramos inicialmente atraídas, visto que podemos apreciar suas outras qualidades, como

personalidade, humor. E de vez em quando nós podemos até querer ver dois homens juntos. (LUST, 2010, p. 40, tradução livre).

A sistemática delimitação feita por Lust perpassa a construção de um perfil bastante específico tanto das personagens dos filmes, quanto de quem os consome. Seu público alvo, portanto, não é amplo às mulheres. Lust busca atingir a chamada “mulher moderna”. É a partir desse perfil de mulher moderna montado pela diretora que seus filmes pornográficos segmentarão ainda mais esse mercado. As mulheres modernas são, portanto, as que Lust considera como trabalhadoras e detentoras de um certo grau de poder aquisitivo, que as permita comprar mercadorias como iPhones, produtos da Mac, Vespa, Armani e Mango. Não se trata, como especifica a diretora e autora do livro, de mulheres que se insiram no estereótipo do comportamento sexual promíscuo.

Ainda que delimite para quem seu produto é feito, Lust se refere o tempo todo a mulheres, no plural, criando uma ideia de categoria universal. Sua generalização atende ao objetivo mercadológico de vender um bem de consumo, como se fosse a própria possibilidade de conscientização das mulheres. O caráter ideológico da sua produção está justamente no condicionamento da emancipação feminina ao consumo. De modo geral, o uso do feminismo como ferramenta de mercado perpassa um mecanismo de apropriação de pautas do movimento feminista como liberdade sexual, igualdade de gênero, empoderamento e representatividade, isto é, as torna etiquetas de uma mercadoria, na tentativa de atribuir ao produto vendido uma conotação transformadora. Essa questão é perceptível na fala de Tristan Taormino, citada anteriormente nesta monografia. A autora afirma que o pornô feminista é "Dedicado à igualdade de gênero e justiça social. [...] O objetivo geral do pornô feminista é empoderar os atores que o produzem e os seus expectadores."

A partir da fala Taormino, cabe discutirmos de que maneira a noção de empoderamento é apropriada na construção do pornô feminista. Ao se fazer valer de uma conotação exclusivamente individualista, sem relacioná-lo às ações coletivas, a autora demonstra insuficiência na discussão estrutural dessa questão, conduzindo-a, portanto, ao âmbito privativo. Como sinaliza Magdalena Leon:

Uma das contradições fundamentais do uso do termo ‘empoderamento’ se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. Para quem usa o conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos,

o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se auto-conferem. Tomam um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. É “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioritários os sujeitos independentes e autônomos com um sentido de domínio próprio, e desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sócio-político, histórico, do solidário, do que representa a cooperação e o que significa preocupar-se com o outro” (LEON, 2001, p.97 apud SARDEMBERG, 2006, p.3)

A ideia de empoderamento utilizada na fala de Taormino exemplifica a tese de que há uma visão exclusivamente individualista, que não é relacionada ao debate de ações coletivas e, portanto, não perpassa a discussão estrutural da ideia de empoderamento. Empoderam-se através do consumo de um filme pornô compreende uma ação que desconsidera a relação dos indivíduos com o grupo, com a história e com o próprio contexto sociopolítico em que estão envolvidos.

O termo “empoderamento” apresenta em sua raiz a ideia de relação com poder e está presente na maioria dos debates envolvendo movimentos sociais. Ainda que muito usado em contextos de militância, pouco se questiona se o ato de empoderar corresponde a um movimento individual ou coletivo. Segundo Livia de Cássia Godoi Moraes, historicamente o termo esteve ligado a ideia de justiça social, em contextos como o da Reforma Protestante, entre os quakers nos Estados Unidos da América e no movimento Black Power.

No período entre 1960 e 1970, os movimentos sociais passaram a ter grande destaque, com reflexões voltadas a luta por direitos das mulheres, negros e LGBTs. Dessa forma, a compreensão de empoderamento passou a coincidir com o debate teórico proveniente dessas lutas. O movimento de mulheres passou a usar o termo a partir dos anos de 1980, sobretudo em países periféricos. Suas demandas giram em torno de necessidades materiais e mais práticas, como empregos, melhores salários, luta por terra e saúde, aliadas, é claro, às mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres.

Segundo SARDEMBERG (2009) na Índia, a noção de empoderamento emerge como produto do movimento de mulheres no pós-1975, como uma proposta de empoderamento libertador, que aspirava, além da aquisição de autonomia frente a luta

pelo fim do patriarcado, o fim da pobreza, das guerras e a construção de um estado mais democrático. A partir desse período, o termo passou a ser utilizado por organismos como a ONU e o Banco Mundial que conferiram a ele outra roupagem: a de ação estritamente individual, que resultou na perda da vinculação ao compromisso de pensar e superar condições de dominação. Moraes aponta que:

Na década de 1990, contudo, o termo “empoderamento” passa a ser usado pelas agências internacionais de cooperação, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Banco Mundial, e se firma como uma dimensão das políticas públicas nacionais e internacionais. Torna-se um jargão, uma “palavra da moda”. Perde seu conteúdo político mais progressista de transformação social. Adentra, inclusive, o mundo empresarial. Batliwala (2007) afirmou que, nos anos 1990, a prática do “empoderamento” de mulheres se degenerou e se tornou uma prática tecnocrata que respondeu às demandas da economia neoliberal. (MORAES, 2018, p. 04)

Para pensar o empoderamento pela perspectiva de transformação e ruptura com a ordem social, Moraes propõe retomarmos as concepções marxianas de emancipação política e emancipação humana. A primeira diz respeito ao alcance de um conjunto de direitos referentes à obtenção de liberdade e igualdade, no sentido institucional da coisa. A segunda, compreende a supressão de toda e qualquer forma de desigualdade, exploração e dominação humana. Pressupondo, portanto, a superação do sistema capitalista e não apenas de questões referentes às mulheres.

Dessa forma, o empoderamento serve a perspectiva revolucionária se estiver pautado no alcance da emancipação humana. Logo, o termo feminista não se circunscreve na noção revolucionária ou transformadora, pois não propõe essa superação e nem se quer estabelece os nexos causais entre as formas de opressão e desigualdade. Essa noção de empoderamento como autoconfiança e autoestima não é independente da estrutura social, uma vez que os indivíduos se empoderam em relação a algo. Logo, a noção de empoderamento demanda a ideia de desenvolvimento, de processo e não de aquisição de um produto que irá levar as mulheres a determinado estágio.

Pensando um feminismo voltado a questões estruturais, a concepção de empoderar não deve estar voltada a uma quantidade limitada de mulheres - neste caso as que possuem poder de compra - e sim, a categoria mulheres. Esta ação envolve o conhecimento sobre a história das relações de opressão e exploração, como aponta Safiotti (2009), uma vez

que o processo de empoderamento envolve a capacidade de ter alternativas enquanto categoria social.

O empoderamento individual acaba transformando as empoderadas em mulheres álibi, o que joga água no moinho do (neo)liberalismo: se a maioria não conseguiu uma situação proeminente, a responsabilidade é sua, porquanto são pouco inteligentes, não lutaram suficientemente, não se dispuseram a suportar os sacrifícios que ascensão social impõe, num mundo a elas hostil. (SAFIOTTI, 2009: 18)

O feminismo enquanto movimento engloba pautas como o fim das desigualdades, opressões e discriminações sexistas contra o grupo mulheres. Logo, se contrapõe a noção individualista que entende o empoderamento como um estágio alcançado pelo consumo. O alcance do empoderamento mediado pelo dinheiro contradiz o caráter de um movimento social.

4. SISTEMATIZANDO O *FEMINISMO* COMO ESTRATÉGIA DE MARKETING.

*Mudar o mundo será apenas mudar o mundo de lugar?
Se o conteúdo se refaz é preciso quebrar ou mudar a
embalagem.*

(Colligere – Parte dois)

Ao longo dessa monografia nos ocupamos, fundamentalmente, de propor uma investigação sobre o processo de *transformação do conceito em palavra e da palavra em etiqueta*. Ao analisar o pornô feminista, centramos nossa atenção na figura-empresa Erika Lust, primeiramente, a fim de compreender como esse subgênero transita entre as categorias da representação do sexo e, mais especificamente, como se inscreve no universo da indústria pornográfica. Posteriormente, se tratando de um bem de consumo que reivindica associação ao movimento de mulheres, nos preocupamos em estabelecer um parâmetro analítico dentro da crítica feminista, para pensar quais são, de fato, as aproximações entre o discurso do nosso objeto e proposições de parte do feminismo.

Tal escolha metodológica se deu, fundamentalmente, pela possibilidade de coleta de material discursivo presente no conjunto de ofertas dessa empresa. Lust, o nome mais reconhecido nas pesquisas via web a respeito do novo segmento da pornografia, reside em Barcelona, na Espanha, apesar de ser de origem sueca – o que, segundo a apresentação que faz de si mesma, é um detalhe imprescindível para sua formação como feminista. Em seu site principal é possível encontrar um vídeo de apresentação que se dispõe a retratar um pouco da imagem desta figura de renome na produção de filmes adultos:

Erika Lust é o que chamamos de “uma mulher com uma missão”. Ela é uma sueca pró-sexo, ganhadora de prêmios e uma produtora de filmes adultos independentes. Ela mora e trabalha em Barcelona e isto é o que iremos encontrar em seu escritório: uma caneca de café quente, livros eróticos, credenciais de festivais, storyboards e anotações de suas filmagens, uma foto de Angelina Jolie tendo um orgasmo, por David LaChapelle e esta é a sua história. Tudo começou em 2000, quando Erika leu um livro de Linda Williams. Era um livro que discorria sobre pornografia, feminismo e o impacto que a pornografia tem na sociedade. Ela se sentiu incrivelmente inspirada pelos pensamentos, mas assistir ao pornô convencional a fez se sentir desconfortável. Sendo assim, ela decidiu fazer seus próprios filmes. Sua primeira filmagem, “The Good Girl”, alcançou 2 milhões de visualizações só no primeiro dia, isso

fez ela descobrir que existem mais pessoas por aí procurando por filmes adultos alternativos e, então, ela dirigiu mais quatro filmes - nome dos filmes. Ela escreveu cinco livros e recebeu diversos prêmios. Ela decidiu ouvir fantasias de pessoas reais relacionadas à sexo e então criou “X-Confessions”, uma fonte de confissões sexuais. Em “X-Confessions” as pessoas relatam suas fantasias e todo mês ela escolhe uma confissão que será transformada em um filme artístico explícito. Desde que o projeto começou, Erika dirigiu mais de 100 filmes curtos criativos, cinematográficos e com cartazes bem legais. O trabalho de Erika é lindo, divertido, transgressor, prazeroso e inteligente. Erika tem sido convidada para entrevistas, festivais de cinema e tem participado de revistas, programas de TV, documentários, estudos acadêmicos e até criou um TED Talking em Vienna. A filosofia para um novo cinema adulto é baseada em quatro ideias principais: o prazer feminino importa; o cinema adulto pode ter qualidades cinematográficas; precisamos de mais tipos de corpos, idades diferentes e etnias e o processo de produção tem de ser ético. Hoje, Erika divide seu tempo entre reuniões, plataformas e aplicativos online, escrevendo SCRIPTS, marcando presença em eventos, escrevendo em seu blog, gerenciando suas mídias sociais, lendo sua caixa de e-mails, passando tempo com o marido e suas duas filhas, sua mãe, seu restaurante favorito, seus programas de TV favoritos e filmando a vanguarda do cinema adulto atual. (Tradução livre. Disponível em <https://erikalust.com/about/> Acessado em: 25/09/2017)

A produtora conta com três plataformas streaming, nas quais é possível ter acesso aos filmes pornográficos, tanto de produção própria, quanto de produção de outras diretoras. Os sites de transmissão de conteúdo estão em total acordo com o que é proposto pela idealização do *pornô feminista*: são suavizados e sofisticados esteticamente e contam com textos – em formato de chamadas e alguns artigos, disponíveis em uma espécie de biblioteca sobre o mundo do pornô feminista – que articulam a ideia, a estética e os preços das mercadorias ali vendidas.

Além das plataformas, a produtora de filmes adultos *Lust*, conta com mais dois sites: um que se configura como uma espécie de programa voltado a educação sexual e outro que atende a seu projeto de produção de histórias reais e representativas. O primeiro, *Porn Educacion*, tem por objetivo servir como instrumento de orientação para pais que desejam conversar sobre a temática da sexualidade com os jovens, de modo a evitar que seu primeiro contato ocorra pela introdução na pornografia convencional, repleta de representações não fidedignas, sexistas e violentas. O segundo, chamado *Xconfession*, contempla o projeto de mesmo nome, no qual os consumidores enviam suas fantasias

sexuais, que serão transformadas em filmes comercializados pela produtora. A empresa *ErikaLust* oferece à seu público “empoderado” uma variedade em bens e serviços: produção e revenda de filmes feministas, venda de artigos de sexshop, bolsas, manuais de instrução à pornografia feminista, camisetas, ferramentas para educação sexual de jovens e visibilidade à expressão real da sexualidade. São produtos tangíveis e intangíveis. Os consumidores pagam pelo material e pelo simbólico, pelo produto e pela capacidade desse de promover efeitos em suas percepções e comportamentos.

Nesse capítulo nos aprofundaremos na mercadoria pornô feminista, do ponto de vista tangível e intangível. Nos ocuparemos, portanto, em analisar o material discursivo do conjunto de ofertas que compõe o novo nicho de mercado na indústria pornográfica, a fim de compreender sob quais bases mercadológicas esse produto que, em si, engloba uma série de outros produtos, é construído. Para tanto, voltaremos parte de nossa atenção ao marketing aplicado na comercialização dessa mercadoria, uma vez que este se apresenta como uma das camadas que revestem nosso objeto, maquiando-o como solução, dentro de um novo mercado a ser desbravado. Desse modo, buscaremos compreender de que demanda parte a sistematização do processo de troca do pornô feminista, com o intuito de investigar em que medida estamos diante de um mercado de soluções, responsável por criar necessidades de consumo pretensamente mais conscientes e responsáveis, por intermédio da cooptação do peso político do movimento de mulheres.

4.1 ESTRATÉGIA FEMINISTA DE POSICIONAMENTO.

O marketing pode ser entendido como a ação mercado. Trata-se de um campo do conhecimento dentro da Administração, sob o qual podem ser coordenados quaisquer processos de troca, abrangendo desde a concepção do produto e do preço, até sua distribuição e promoção no mercado. Trata-se de uma tecnologia, também utilizada pela administração para que empresas possam vender mais, a partir do estudo das variáveis que interpelam os processos de troca. O marketing será aplicado de maneiras diferentes, a depender das necessidades da empresa, por meio de estratégias que visam atender à tais necessidades, valorizando o serviço prestado.

A aplicação do marketing, como pontua Las Casas (2006) ocorrerá a partir das possibilidades de demanda, isto é, das necessidades específicas que conferem valor de uso ao produto que pretende ser vendido. Essas possibilidades variam entre demandas

negativas, quando o bem não é desejado, mas é inevitável; demandas inexistentes, quando o consumidor não está imediatamente interessado no bem; demandas latentes, sob as quais as necessidades do consumidor ainda não estão sendo atendidas pelo que vem sendo ofertado no mercado; demandas declinantes, que envolvem a tentativa de recuperação do mercado; demandas irregulares, que envolvem instabilidade na busca pelo produto; demandas plenas, sob as quais pretende-se atuar com manutenções; demandas excessivas, quando faz-se necessário atuar ajustando oferta à demanda e demandas indesejadas, quando o consumo é considerado comprometido diante da sociedade.

Para pensar o marketing como uma das camadas que reveste nosso objeto, voltaremos nossa atenção ao livro *Good Porn: a Woman's Guide ou Porno Para Mujeres*, na versão em espanhol analisada nesse trabalho, uma espécie de manual da pornografia, escrito e distribuído por Erika Lust. Buscaremos, em sua construção discursiva, por pistas que forneçam respostas quanto às estratégias mercadológicas empregadas na comercialização desse produto. A aparência do fenômeno aqui analisado, como vimos nos capítulos anteriores, oculta algumas relações e elementos. Esse ocultamento, por sua vez, atende consideravelmente a intenção de conferir valor – monetário e simbólico – à mercadoria.

A apresentação do livro - disponível para download gratuito no site de vendas da produtora - o descreve da seguinte forma:

Good Porn: a Woman's Guide (Porno para Mujeres) está agora disponível para download gratuito! Aprenda sobre a história do cinema adulto e as feministas pioneiras que estão revolucionando a indústria, com ilustrações bacanas e recomendações informativas, a apenas um clique! Mesmo com a prevalência do pornô no mundo hoje, várias mulheres ainda sentem medo. Com incertezas do que o pornô é, o que constitui um bom pornô e porquê isso deveria importar para elas. Good Porn: A Woman's Guide é um compreensivo olhar para o que é isso, quais os tipos disponíveis e porque homens e mulheres apreciam diferentes estilos. Com seu conhecimento, a autora Erika Lust examina os filmes, a indústria e o fenômeno, tornando o pornô mais acessível para mulheres. Lust, rompe com a ideia de que o pornô é só para homens, examinando o papel das mulheres na indústria pornográfica. De diretores do sexo feminino, às estrelas. Ela aborda o mito de que não pode ser feminista e ainda gostar de pornô, oferece uma visão do valor erótico e educacional do pornô, e cobre o benefício da pornografia em aumentar o apetite sexual das mulheres. Direto e honesto, Good Porn, rompe com os pressupostos anteriores

das mulheres à respeito da pornografia, abrindo um novo discurso em sexualidade e relacionamentos. (Disponível em: <<https://store.erikalust.com/en/erotic-books/good-porn-free-download>> Acesso em: 21/03/2018. Tradução livre)

A própria introdução já nos fornece uma análise significativa sobre a estratégia adotada pela produtora. Pela diferenciação do que o mercado pornográfico vem ofertando a seus clientes, o pornô feminista de Erika Lust crava o pilar de sustentação de seu produto. Trata-se da chamada estratégia de *Posicionamento*, uma tentativa sistematizada de apresentar um diferencial no mercado, ofertando a seus consumidores aspectos não encontrados nos demais produtos disponíveis. O discurso do pornô feminista de Erika Lust cumpre bem esse papel.

Tal estratégia parte da forma como a empresa espera que seu público-alvo enxergue os benefícios possibilitados pela compra de seus serviços, pois partem do princípio de que as pessoas buscam consumir aquilo que as representam. Esta é uma estratégia de marketing construída a partir do que a empresa considera relevante para o público que quer atingir. Para que percebam o que a empresa quer que percebam, quatro noções devem estar bem definidas: *O quê? Para quem? Quem? Por quê?*

Angela da Rocha, Jorge Brantes Ferreira e Jorge Ferreira da Silva, autores do livro *Administração de marketing: conceitos, estratégias, aplicações*, definem tais elementos do Posicionamento da seguinte forma:

O quê? – qual a oferta específica que a empresa faz ao mercado e quais os benefícios proporcionados por esta oferta ao consumidor ou usuário;
Para quem? – qual o grupo-alvo específico cujas necessidades ou desejos serão atendidos por meio daquela oferta e quais as características principais deste grupo relevantes para a adoção do produto ou serviço;
Quem? – quais as credenciais da empresa/produto/serviço/marca que lhe permitem atender melhor às necessidades do consumidor ou usuário do que os concorrentes (posicionamento é sempre relativo);
Por quê? – quais os motivos que o cliente terá para confiar nas promessas que a empresa/produto/serviço/marca lhe faz. (ROCHA, FERREIRA, SILVA, 2012, p. 194-195)

Aplicando essas perguntas ao objeto analisando, temos que Erika Lust vende filmes, livros, produtos de sexshop, lingerie, bolsas e camisas. Esses produtos vêm

acompanhados de benefícios para quem compra: representatividade, empoderamento, liberdade sexual, que se configuram como produtos intangíveis, uma vez que é sugerido que serão obtidos pelo poder de compra. Este é o seu “o quê?”

Em relação ao “para quem?” é possível perceber que seus filmes são especialmente direcionados às mulheres, mas alguns também apresentam temas que englobam LGBTs. Portanto, o pornô feminista - na figura de Erika Lust - mira nas minorias, justificando que essas não são contempladas pelo pornô tradicional. Sobre o “quem?”, Lust constrói uma imagem associada ao produto que vende, apresenta-se como a mulher moderna, mãe, empresária, estudiosa sobre o assunto. Essas características lhe conferem credibilidade no exercício de sua função como diretora.

Cabe apontarmos aqui as contradições vigentes no discurso de Lust. Ao mesmo tempo em que afirma realizar um pornô para mulheres, de modo universalista, sua elaboração e produção são, na verdade, voltadas a uma categoria específica de mulheres: as que detém poder aquisitivo e estão inscritas no universo da sua classificação de mulheres modernas, com elevado senso estético. A análise de seu discurso nos mostra que seu “para quem” está, na verdade, mais distante das minorias que supostamente espera alcançar e curiosamente mais próximo de seu “quem”.

E, por fim, o seu “por quê?” vai de encontro ao fato de que o cliente deve consumir seu produto porque ele é singular. Em um de seus projetos, chamado *Xconfessions*⁹, Erika Lust aposta na representação das fantasias sexuais de pessoas comuns. As consumidoras têm um espaço no site para compartilhar suas histórias, que serão transformadas em filmes e contemplaram o desejo de representatividade, de mostrar a vida real no pornô. Assim, além de reforçar sua diferença com o restante da indústria pornográfica, Lust também poupa trabalho e remuneração de roteiristas.

O produto também é singular porque tem a missão de educar crianças a partir de uma pornografia consciente. Essa é a ideia do *pornconversation*¹⁰, um empreendimento “sem fins lucrativos” - ainda que seja, antes de mais nada, uma ação de marketing e uma promoção de sua marca - que busca dar aos pais ferramentas para ensinar seus filhos sobre sexo com uma pornografia “ética”, antes que sejam engolidos pelo pornô convencional. Nesse site ela mostra seu lado mãe, preocupada com a forma como as crianças vêm sendo educadas pelo pornô online e, por isso, afirma que sua missão é

⁹ Disponível em: <https://xconfessions.com/>. Acesso em: 02/11/2017

¹⁰ Disponível em: <http://thepornconversation.org/>. Acesso em: 02/11/2017

combatê-lo, criando jovens preparados para fazerem “escolhas”, supostamente mais conscientes e responsáveis.

Como discutido no primeiro capítulo, estamos trabalhando com um fenômeno que existe em oposição a algo. O pornô feminista é o pornô feminista porque recusa o pornô convencional, se opõe a ele e, supostamente, constrói algo novo a partir dessa diferenciação. Esse “algo novo”, demanda a superação dos obstáculos colocados pelo já consolidado mercado da pornografia.

O mercado de filmes adultos se destaca – entre outros aspectos – por ser demasiadamente consumido. O site de filmes adultos *Pornhub* recebeu 28,5 bilhões de visitas no ano de 2017, segundo estimativas publicadas pelo próprio site. Sendo a pornografia de hoje ofertada gratuitamente na internet, o dinheiro gerado com ela está diretamente ligado a quantidade de acessos nos sites do gênero. Não foi possível encontrar a arrecadação anual exata da indústria. Ainda que algumas reportagens sobre o tema ofereçam essa resposta, os valores acabam variando e não há, nos sites pornôs, algo que se aproxime de uma prestação de contas.

A partir da primeira metade dos anos 2000 a gratuidade online tornou o acesso ainda mais rápido e fácil, fazendo com que a pornografia fosse presença massificada na dimensão do entretenimento. Se todas as pessoas podem, prontamente, consumir pornô de forma gratuita na internet, o lucro com a produção de filmes foi se tornando cada vez mais difícil. Os sites de grande peso na pornografia convencional fazem parte de um grande monopólio de distribuição. Esse é o cenário do mercado pornográfico, diante do qual o pornô feminista busca atuar, oferecendo um produto singular, tanto do ponto de vista técnico, quanto do ponto de vista ideológico.

A idealização desse pornô parte, segundo a produtora, da incompatibilidade entre os gostos e valores das mulheres – pensadas a partir de suas experiências pessoais – e o pornô convencional. O pornô convencional, construído na perspectiva androcêntrica, seria responsável por gerar incômodos e constrangimentos às mulheres que gostam de sexo, por não pautar a valorização do prazer feminino, colocando o sempre em detrimento do benefício sexual masculino e, conseqüentemente, de uma relação de dominação entre os sexos.

Posições desconfortáveis, estereótipos degradantes e contextos surreais, onde mulheres são representadas como objetos disponíveis para a satisfação das “necessidades” sexuais masculinas, são, de modo geral, os grandes entraves entre mulheres e pornografia. De modo a solucionar essa problemática, Lust se propõe a

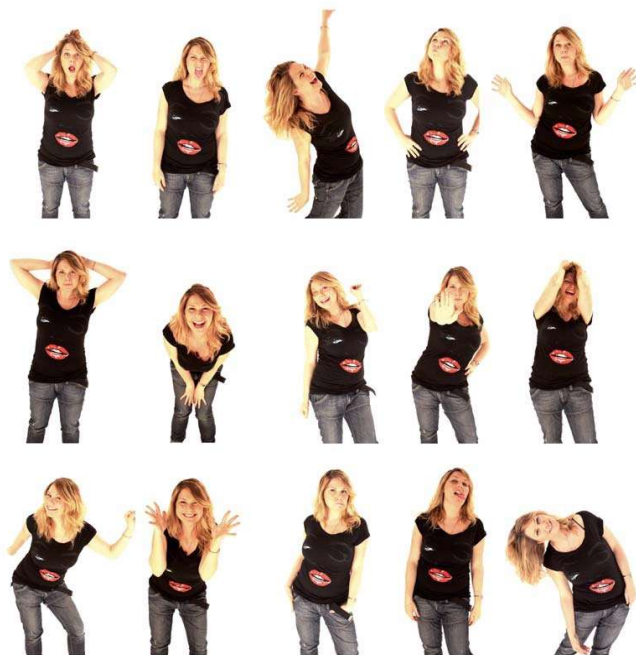
oferecer às mulheres aquilo que precisam: entretenimento adulto representativo, elaborado por meio de um discurso que, por vezes, chega a falar sobre revolução e transformação das relações de gênero.

O produto em questão é idealmente construído por meio das próprias experiências de Erika Lust, como é possível notar em trechos de sua apresentação no programa TEDx, disponível no YouTube e em seu site de apresentação:

Os últimos 15 anos de minha vida têm sido uma viagem incrível, uma jornada incrível em que deixei de me sentir suja e culpada por assistir pornografia e passei a criar o cinema adulto que quero assistir. Minha primeira vez foi numa festa do pijama com minhas melhores amigas. Pipoca, pijamas e pornografia. A gente esperava descobrir o mistério do sexo. O fruto proibido. Nós demos gargalhadas, risadinhas e terminamos sentindo... repulsa. O filme voltou para o esconderijo secreto do pai da minha amiga. Seis anos mais tarde, eu era caloura na universidade, e meu namorado sugeriu que a gente assistisse pornografia. “Será que devo tentar novamente?” Pare. Antes de apertarmos o “play”, lembrem-se de onde sou: Suécia. Provavelmente o melhor lugar para crescer com uma consciência feminista. Um dos primeiros... não! O primeiro país do mundo a tornar obrigatória a educação sexual nas escolas. Muito prazer, sou uma feminista, uma feminista pró-sexo. Sou dona do meu corpo. Posso fazer sexo apenas por prazer, como os homens. (Disponível em: https://youtu.be/Z9LaQtfpP_8. Acesso em: 02/11/2017. Transcrição minha)

O pornô convencional não representava sua sexualidade, estilo de vida e nem valores. Lust se coloca como ponto de partida para a construção do pornô feminista: ela é o protótipo de seu próprio produto. Esta questão fundamental está presente na produção de Erika Lust como um todo, imaterial e materialmente.

A diretora de filmes adultos alternativos se coloca, portanto, como uma mulher inconformada com o que a pornografia tem a lhe oferecer, mas que não converge com a postura “conservadora” e “anti-sexo” de muitas feministas. Por isso, se ocupa em ressignificar os elementos constitutivos de uma indústria que explora, constrange e degrada a saúde física e mental de mulheres, além de moldar a representação social do feminino perante os homens.



Fonte: *Porno para mujeres*, 2008, p. 11

A imagem acima é encontrada logo após a introdução do livro e este é um fato a ser pensado nesse trabalho, haja vista sua capacidade de transmitir uma ideia, que nesse caso, vem de encontro a noção de que Erika Lust é o padrão do público para qual se refere. Na imagem de Lust, onde é possível vê-la por “ângulos” diferentes, com feições e poses variadas. Compreende-se que, além de se colocar como o projeto das suas clientes, a diretora se coloca como “muitas em uma só”.

Não obstante, a próxima sessão do livro é denominada como *Voces Femininas*, onde “vozes femininas” tecem opiniões sobre pornografia. Todas, sem exceção, estão concentradas na ideia de diferenciação. Argumentam suas preferências sobre o pornô feminista a partir do mesmo parâmetro comparativo: pornô mainstream.

Na suposta tentativa de ampliar o debate e completar opiniões diversificadas em seu livro, Lust entrega ao público um material composto por um conjunto de vozes que “clamam” pela mesma ideia. Não há entre elas nada que se contraponha ao que o pornô feminista se propõe a fazer. Inclusive, os depoimentos abarcam falas não só de “mulheres comuns”, mas também de escritoras do universo pornô, como Tristan Taormino e Violet Blue, além de produtoras, como Candida Royalle e a própria Erika Lust, que encerra a sessão com a seguinte fala:

Pertenço a uma geração que não encontrou uma representação de sua sexualidade moderna e plural na pornografia sexista tradicional. As mulheres devem tomar medidas imediatas e começar a mudar a visão de que os homens impuseram o sexo através do cinema X. Caso contrário, as novas gerações terão apenas acesso à sua visão bastante pobre da sexualidade (LUST, 2008: 15)

O discurso sobre as “vozes femininas” do *Porno para mujeres* vai de encontro a argumentação apresentada no capítulo anterior. A instrumentalização do feminismo realizada por Lust perpassa a percepção essencialista do *feminino*. A mercadoria trabalha com o mecanismo de universalização, promovendo uma suposta uniformidade na perspectiva sobre a temática. Desse modo, a homogeneização é utilizada como recurso mercadológico: este é o pensamento das mulheres, o que, de modo geral, considerariam mais justo e fiel à suas realidades e anseios. Se é geral é legítimo e, quanto mais legítimo for, mais valor é conferido ao produto final.

Daremos destaque a dois pontos centrais no *Porno para mujeres*: o método comparativo ao pornô convencional e a sistemática delimitação do público alvo da diretora. As duas características são fundamentais para a reflexão sobre como é desenvolvida a apropriação discursiva do feminismo pelo marketing deste segmento de mercado, sobretudo, pela noção de representatividade do feminino.

Assim, no primeiro capítulo, intitulado *El porno de los hombres*, o *Porno para mujeres* vai se dirigir diretamente àqueles de quem busca se diferenciar. Esse recurso é fundamental para sua venda. Lust se ocupa em demonstrar, discursiva e visualmente – por meio da utilização de imagens e capas de filmes – tudo o que é o pornô mainstream: uma representação do sexo feita por e para homens. Lust se concentra na argumentação de que, durante décadas, houve um monopólio na pornografia, responsável por definir o que era o pornô a partir de ideias, fantasias e desejos dos homens. Porém, segundo o manual de pornografia feminista, “estamos diante da possibilidade de romper com esse paradigma, assim como fizeram as mulheres participando da vida política”.

Cabe ressaltar que a argumentação da diretora de filmes pornôs abre brechas para a compreensão de que existiria alguma aproximação entre seu trabalho e a ocupação de espaços públicos por mulheres. Baseando-nos na lógica de Erika Lust, ter uma mulher na condução de um filme pornô seria tão importante, do ponto de vista da igualdade de gênero, quanto a inserção na vida pública e a participação política. A questão, portanto,

converge no ponto da representatividade como um fim em si mesmo, como se o exercício individual e, sobretudo, de uma atividade mercadológica – seja pela produção do bem ou por seu consumo – fossem suficientes para transformar o coletivo.

No ano de 2017, a Netflix lançou a série *Hot Girls Wanted: Turned on*, voltada à reflexão sobre o universo da pornografia. O primeiro episódio da série trabalha com o tema das mulheres nos bastidores do pornô, sejam elas em funções de direção, fotografia, etc. Uma das participantes é Erika Lust e, além de conceder entrevistas, a diretora permite a filmagem dos bastidores de um de seus filmes. A atriz que o protagonizava era inexperiente no ramo e, em determinado momento do episódio, relatou se sentir desconfortável, pedindo a diretora que parasse a gravação. A diretora pede à atriz que continue, mesmo com o desconforto e finja um orgasmo para que a cena possa ser aproveitada, demonstrando assim, bastante semelhança com a maneira como a pornografia convencional é feita. Muda-se a embalagem, mas o conteúdo é semelhante.



Fonte: *Hot Girls Wanted: Turned On* (2017), episódio 01, Netflix.

Voltando a análise do livro *Porno para mujeres*, o capítulo II, intitulado de *Las mujeres, el feminismo y la pornografia* conta com a seguinte colocação de Lust:

Eu acredito no potencial da pornografia para ajudar as mulheres a manter nossa revolução sexual caminhando. (...) Pornografia pode nos ajudar a apimentar

nossas fantasias e descobrir gostos que nós nem sabíamos que tínhamos. (...) E a pornografia pode ser um instrumento de educação e libertação para as mulheres que ainda lutam contra a vergonha, a culpa e a repressão sexual. (LUST, 2010, p. 36, tradução livre)

Seu discurso de revolução sexual, emancipação e libertação é instrumentalizado. Tratam-se de ideias “soltas”, que não apresentam sequer uma pré-reflexão estrutural, que, ao serem associadas a um produto forte, do ponto de vista do marketing, passam a ser uma atribuição que diferencia a mercadoria, a partir da ideia de que é possível consumir de uma forma mais consciente. “Revolução sexual”, “libertação”, “repressão sexual”, “machismo”, “sexismo” são terminologias usadas por Lust em um contexto mercadológico. É conveniente usá-las, pois, esvaziadas do conteúdo político, elas dão destaque ao serviço que está sendo ofertado.

A respeito da delimitação do público alvo, neste livro, Lust deixa claro que seu produto é direcionado para mulheres, ainda que não exclua os homens da construção de seu projeto. Segundo Lust:

Nós queremos ver homens modernos que compartilhem nossos valores, homens que respeitem as mulheres, homens que nós achamos atraentes. Homem não precisa ser o príncipe encantado. Todo mundo sabe que nós mulheres podemos nos tornar ligadas a homens aos quais não éramos inicialmente atraídas, visto que podemos apreciar suas outras qualidades, como personalidade, humor. E de vez em quando nós podemos até querer ver dois homens juntos. (LUST, 2010, p. 40, tradução livre).

A sistemática delimitação feita por Lust perpassa a construção de um perfil bastante específico tanto das personagens dos filmes, quanto de quem os consome. Seu público alvo, portanto, não é amplo as mulheres. Lust busca atingir a chamada “mulher moderna”. É a partir desse perfil de mulher moderna montado pela diretora que seus filmes pornográficos segmentarão ainda mais esse mercado.

Lust chega a apresentar um quadro explicativo contrapondo pontos da pornografia convencional à pontos do pornô para mulheres. Nele, o direcionamento ao perfil da mulher moderna é demasiadamente claro.

CINE PARA HOMBRES	CINE PARA MUJERES
Mamada hasta el fondo de la garganta	Sexo oral practicado a la chica
Mansiones de lujo	Una habitación con interiorismo moderno
Mafiosos, traficantes, espías, militares, carceleros...	Chicos normales a nuestro alrededor, nuestros amigos
Putas rubias, ninfómanas, lesbianas que follan con tíos, agentes secretas asesinas, adolescentes salidas...	Mujeres modernas, trabajadoras, emancipadas, normales, como tú y tus amigas
Coches deportivos, motos acuáticas, helicópteros, jets privados...	Un i-Phone, un Mac, un Mini, una Vespa...
Las tías están siempre dispuestas	Hay que ganarse el sexo, no me abro de piernas sólo porque tú me lo pidas
Las mujeres violadas en el fondo disfrutan	Sexo siempre consentido
Medias de rejilla, minifalda de puta, top minúsculo, zapatos imposibles con tacón y plataforma...	Un vestido chulo de Miss Sixty, de Armani o de Mango, unos tejanos y una camiseta...

Fonte: *Porno para mujeres*, 2010, p. 24

As mulheres modernas são, portanto, as que Lust considera como trabalhadoras e detentoras de um certo grau de poder aquisitivo. Não se trata, como especifica a diretora e autora do livro, de mulheres que se insiram no estereótipo do comportamento sexual promiscuo. Ainda que delimite para quem seu produto é feito, Lust se refere o tempo todo a mulheres, no plural, criando uma ideia de categoria universal. Sua generalização atende ao objetivo mercadológico de vender um bem de consumo, como se fosse a própria possibilidade de conscientização das mulheres. O caráter ideológico da sua produção está justamente no condicionamento da emancipação feminina ao consumo.

A atribuição “feminista” à essa mercadoria se coloca, portanto, como um recurso de marketing, uma identificação, algo que permite diferenciá-la das demais opções

disponíveis no mercado. Nesse sentido, seu discurso permite compreender que a capacidade de seu produto de levar a liberdade sexual das mulheres é proeminente do poder de compra. O uso do feminismo como ferramenta de mercado perpassa um mecanismo de apropriação de pautas do movimento, como a liberdade sexual, igualdade de gênero, empoderamento e representatividade, isto é, as torna etiquetas de uma mercadoria, na tentativa de atribuir ao produto vendido uma conotação transformadora.

O produto em questão, como bem sugere a autodenominação, é um pornô vendido para mulheres. Os filmes são produzidos, em grande parte dos casos, por mulheres e para o público consumidor feminino, até então submetido à representação não fidedigna da pornografia convencional: mulheres que tenham, além do apreço por bens e serviços ligados a indústria do sexo, dinheiro para consumir filmes que chegam a custar 20 dólares. Uma mercadoria que, sob a perspectiva do marketing, é capaz de vender, para além do tangível, um bem intangível, não poderia estar dirigida ao consumo de qualquer pessoa e, mais especificamente, de qualquer mulher. Ao classificar-se como um bem de consumo *feminista*, essas produções apropriam-se, também, do impacto político que a nomenclatura carrega.

No caso do pornô feminista, a instrumentalização do feminismo é o mesmo que considerar as mulheres como um recurso para obtenção de lucro. Não é mera coincidência que empresas venham apostando nos movimentos sociais. Campanhas publicitárias envolvendo pautas referentes ao movimento de mulheres tem se tornado cada vez mais comuns. Em 2015, A empresa de cosméticos *Avon* lançou a campanha “Beleza que faz sentido”, abordando empoderamento pela independência financeira. No site da empresa é possível encontrar uma sessão onde estão colocadas explicações sobre termos como *feminismo*, *patriarcado*, *gênero*, *misoginia*, *mansplaining*, entre outros. Segundo Ricardo Patrocínio, VP de Marketing da Avon:

As campanhas são mais um importante canal para disseminação de nossas mensagens. Por meio das revendedoras, queremos mostrar o poder da autonomia e da independência financeira no processo de fortalecimento da mulher, e a importância da democratização da beleza, como uma ferramenta para a autoestima. (Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/avon-aborda-empoderamento-feminino-em-nova-campanha/>. Acesso em: 04/11/2018)

Também em 2015, a empresa *Always* lançou a campanha publicitária com o “Like a Girl”, que se propunha a quebrar padrões machistas referentes ao modo de fazer coisas “como uma garota”. O site pornô *PornHub* também entrou na jogada e se adaptou para celebrar o Dia Internacional da Mulher no ano de 2018, exibindo uma logo com o símbolo do feminismo. Em janeiro de 2017, o programa *Amor e Sexo* exibido da Rede Globo de Televisão – maior emissora de televisão do país e conhecida por sua relação com frentes conservadoras na política brasileira – exibiu uma produção midiática revestida de causa feminista. Discussões, chavões feministas e até uma representação simbólica da queima de sutiãs acompanhada de frases como “eu sou mulher e o meu lugar é onde eu quiser” e “meu nome não é psiu” foram transformadas em produto. A apresentação contou com discursos sobre igualdade de gênero, obviamente, a partir de uma perspectiva individualista de escolha.

Tendo em vista que essas empresas venham encontrando um nicho de mercado nos movimentos sociais e distorcendo suas lutas, à medida que esvaziam seu conteúdo crítico, seu viés transformador, faz-se necessário investigar se seria esse um mecanismo de apaziguamento de reivindicações políticas, por meio da ação que estabelece consumo como mediador da inclusão e desenvolvimento de autonomia dos sujeito. Os produtos imbuídos por tais características, no caso do pornô feminista, são vendidos como uma referência de empoderamento, de autonomia e autoconfiança feminina.

Enquanto movimento social, o feminismo apresenta uma trajetória histórica de lutas políticas e pautas coletivas. Ainda que não se qualifique como um movimento de leitura homogênea, não há como ignorar sua materialidade. Ao apropriar-se dele, a indústria cultural esvazia seu caráter político. O produto feminismo, vendido pela música ou pelo programa de TV, assim o é para que seja possível alcançar o maior número de pessoas. Não cabe compreendê-lo, nem tampouco analisá-lo. O senso crítico domesticado só permite consumir e descartar. Instrumentalizar uma luta social para atender a fins mercadológicos é o mesmo que considerar esses indivíduos como um recurso para obtenção de lucro. Porém, na ordem econômica capitalista, atomização é fundamental para o exercício da dominação. A percepção individualista aumenta a fragmentação dos sujeitos e, assim, torna-se mais fácil converter as relações sociais em mercadorias. Ao passo que as relações perdem o caráter da subjetividade, mais reificada é a consciência e mais passivo é o indivíduo. Nesse sentido, a passividade permeia a restrição da liberdade, uma vez que as escolhas são feitas dentro do que é permitido pelo próprio sistema.

Diante do panorama apresentado, observamos um movimento mercadológico de cooptação de pautas coletivas e políticas. Tal movimento se configuraria sob a criação de duas vias, que se co-direcionam: a primeira, corresponde ao estabelecimento de mercados de soluções, e a segunda, compreende a normatização de uma responsabilidade do sujeito consumidor diante do mercado. O fenômeno aqui estudado, nos desafia a pensar a produção e venda de mercadorias, inscrita na lógica industrial, sob a ótica de um suposto consumo responsável.

A pornografia convencional, determinada pelo consumo em massa e pela mercantilização de relações de subordinação e violência não nos serve mais. Para superá-la, contudo, inaugura-se uma nova forma de fazer pornô, mais consciente. Assim, esse novo mercado da pornografia, responderia, em partes, a uma demanda indesejada - àquela que corresponde à redução nos danos causados pelo comprometimento social do consumo de pornografia - e, também, à demanda declinante - que empenha a recuperação do mercado, haja vista o reconhecimento de que o pornô comum promove manifestações negativas sobre a representação da sexualidade. Se o que a indústria pornografia vem ofertando é, em última instância, depreciativo às mulheres e as minorias, faz-se necessário não o rompimento com essa via de entretenimento, mas sim, uma reelaboração do está sendo vendido.

Cria-se, portanto, um mercado repaginado dentro da própria indústria do sexo. Um mercado que oferece as consumidoras mais do que um simples bem de consumo: trata-se de uma possibilidade de optarem, de forma responsável, pela compra de uma percepção sobre ser mulher, uma nova forma de ocuparem espaços socialmente. A solução ofertada pelo mercado, por sua vez, está acompanhada pela ideia de responsabilização dos sujeitos - mais especificamente do consumo desses sujeitos - pelos impactos gerados pela ação do grande capital. Formula-se, portanto, uma ética pautada na responsabilização individual pelo consumo e que pressupõe, para sanar a problemática posta pela produção - no caso, as consequências materiais e imateriais da indústria pornográfica -, uma mudança na mentalidade dos indivíduos, por meio da adesão à hábitos de consumo supostamente mais conscientes. A pornografia como mecanismo de reprodução de situações de subordinação feminina, por vias da produção em massa, é remodelada e vendida sob moldes mais suavizados e conscientes, como uma espécie de redução de danos. O mesmo conteúdo refeito e distribuído em uma nova embalagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Fundamentalmente, o empenho realizado ao longo dessa pesquisa buscou pensar um ramo da produção pornográfica responsável por ofertar uma mercadoria supostamente munida de potencial político. O pornô feminista seria, portanto, uma ramificação de mercado provedora de bens e serviços que, ao serem consumidos, responderiam às demandas das mulheres e, assim, auxiliaria na reparação dos danos causados pela desigualdade entre os sexos. Contudo, tratando-se de uma manifestação inscrita sob a lógica do mercado, isto é, com a finalidade de ser comercializada, a contradição posta pelo fenômeno se expressa na relação que coloca o consumo como mediador do desenvolvimento de autonomia e empoderamento de mulheres. Diante dessa problemática, nosso objeto suscitou o seguinte questionamento: como um bem de consumo, adquirido por intermédio da compra, poderia promover algum tipo de transformação no que tange as relações de poder entre os sexos?

Se, em um contexto de apropriação material e ideológica, expressa em fenômenos como a divisão sexual do trabalho, responsável por conduzir mulheres à funções e lugares socialmente desvalorizados; a dupla jornada de trabalho, pela qual mulheres são, também, exploradas por meio do trabalho doméstico não remunerado e os alarmantes casos de violência doméstica e feminicídio, sob os quais mulheres são fisicamente punidas por seus parceiros e, no limite, mortas por serem mulheres, considerar que, a simples ocupação de espaços na produção e no consumo de uma forma de entretenimento, é via para o alcance de um estado maior de justiça e igualdade, é o mesmo que desconsiderar que tais relações advém de uma dimensão estrutural.

Tratando-se, portanto, da mercantilização de uma reivindicação política, o *feminismo*, apropriado e instrumentalizado por esse segmento da pornografia, é assim utilizado como uma etiqueta, que confere a mercadoria valorização nesse mercado. A expressão contraditória do objeto aqui estudado, ocultada por sua manifestação mais aparente, vende esse produto não somente como *algo*, mas sim enquanto *como*, uma possibilidade de autonomia e, conseqüentemente, de apaziguamento dos problemas advindos do sexismo imposto por nossa dinâmica social.

Diante de tal panorama, optamos por uma metodologia que nos auxiliasse a despir nosso objeto, partindo de sua manifestação aparente, para chegarmos à relações -

advindas da contradição colocada por ela - que julgamos como suas *camadas de revestimento*, que o constituem como aquilo que realmente é: uma tendência mercadológica de produção de soluções, apoiada na responsabilização individual pelo consumo. A cooptação do termo feminismo por esse nicho de mercado, assim é feita, através da instrumentalização do termo, que esvazia seu conteúdo político e confere ao bem de consumo uma classificação diferenciada no mercado.

Compreendemos, na investigação sobre o processo de mercantilização da representação do sexo, que a pornografia de nosso contexto, apresenta a característica de ser, de fato, uma produção com o fim de estimular da prática sexual, diferentemente do que se observa em momentos históricos distintos. Se os fins são diferentes, toda a construção dos meios também é. Por isso, consideramos, a partir das discussões levantadas aqui, que a pornografia é uma manifestação literária e audiovisual que carrega em si elementos dos contextos históricos, sociais e culturais em que se inscreve, o que, fundamentalmente, exprime a relação que essa produção pornográfica carrega com a dimensão sexista de subordinação das mulheres em nossa sociedade.

Se o produto pornô feminista reivindica espaço de legitimidade no mercado da pornografia se afirmando como alternativa ao vem sendo por ela ofertado, nossa tentativa de entender sua localização nessa dinâmica mercantil, perpassou a discussão sobre a dicotomia entre *erotismo* e *pornografia*. Demonstramos que, sendo essas categorias distintas não somente do ponto de vista técnico, mas também, do ponto de vista da diferenciação social - que coloca o erótico como uma forma mais sofisticada, bela e socialmente aceita de representar o sexo -, uma das maneiras encontradas pelo pornô, centrado na produtora Erika Lust, de se diferenciar no mercado, é lançar mão da associação ao erotismo, que confere à esse bem não só um caráter mais artístico e sofisticado, como também direciona o consumo do mesmo, não para qualquer mulher, mas sim, para uma classe específica de mulheres, a que detêm poder de compra suficiente para se interessar e adquirir bens e serviços mais refinados e, conseqüentemente, mais caros.

A pornografia que visa estimular a prática sexual foi, historicamente, acompanhando o processo de tecnologização da impressão, responsável por conferir as produções literárias do gênero o caráter de produção e consumo em massa. Assim, aproximou-se, cada vez mais, da chamada Indústria Cultural, produtora de bens padronizados e distribuidora em maior escala, o que, por sua vez, possibilitou o

estabelecimento da pornografia como categoria. Os atores sociais envolvidos nela, que outrora eram considerados como libertinos e promíscuos, dão lugar a homens de negócios que vão tornando essa manifestação um mercado, uma produção voltada à obtenção de lucro. Nessa trajetória, destacamos o advento da máquina fotográfica e do cinema, respectivamente nos anos de 1888 e 1895, como recursos imprescindíveis para a produção da indústria pornográfica. Perpassamos o boom da fotografia pornô nos anos de 1940, dando destaque a adesão do nu artístico ao estilo de vida sofisticado como estratégia mercadológica empenhada pela revista Playboy e por nosso objeto central, a produtora Erika Lust. Tal adesão resultou na venda de um produto que não se limita apenas a satisfazer aquela necessidade imediatista do estímulo sexual: ele representa um estilo de vida.

A partir dos anos de 1970, a pornografia passou a romper com a representação velada dos atos sexuais e foi se tornando cada vez mais explícita, demonstrando, mais uma vez sua capacidade de modificação e adaptação do produto. Até o início dos anos 2000, sua dinâmica de produção se manteve harmoniosa, com materiais vendidos nos formatos VHS e DVD. Contudo, a popularização da internet passou a massificar ainda mais o entretenimento adulto, por intermédio da gratuidade online e, foi nesse contexto de popularização exacerbada, que a pornografia passou também a ser ramificada, na tentativa de responder a necessidades de consumo ainda mais particulares de grupos minoritários, como as mulheres, acompanhando a ascensão de uma política da diferença, de base identitária.

O pornô feminista, como dito anteriormente nesse trabalho, existe para se opor a algo. Sua justificativa parte da negação ao que a pornografia convencionalmente produz. Se a pornografia mainstream produz algo que deprecia mulheres, o pornô feminista afirma produzir algo que as valorize. Para compreender como e onde Erika Lust encontra espaço para a construção de seu argumento empoderador sobre o pornô feminista, tomamos o feminismo materialista como ponto de vista situado. A partir da contribuição de Christine Delphy (1980), tomamos o feminismo como um movimento social e que, desse modo, é lido e interpretado pela perspectiva assumida por esse trabalho como um substantivo, isto é, como forma de nomear coisas e ideias, pois parte da inquietação e rebeldia promovida pela situação das mulheres, que pressupõe a busca pela origem social da problemática e sua superação.

Por outro lado, por meio da universalização da categoria mulheres, advinda do essencialismo envolvido na delimitação de seu público alvo, categorizado como mulheres modernas, o pornô feminista transforma esse substantivo em adjetivo, expropriando seu caráter denominativo e tornando-o, assim, uma mera qualidade da mercadoria que pretende vender. De modo geral, a tentativa de analisar o pornô feminista a partir do movimento de mulheres mostrou que o mecanismo de homogeneização promovida pelo discurso desse subgênero do entretenimento adulto, aproxima-o da perspectiva pensada pelo Feminismo Liberal. Tal processo universalizador oculta as relações sociais que essas mulheres estabelecem e que são perpassadas por aspectos que delimitam sua participação política, seu acesso à direitos e até a tão aclamada liberdade – demasiadamente individual, sobretudo no que o discurso do pornô feminista apresenta.

Por fim, o empreendimento aqui realizado caminhou até a tentativa de compreender sob quais bases mercadológicas esse produto é construído. Direcionando nossa atenção ao marketing, responsável por maquiagem a mercadoria pornô feminista, permitindo que ela flerte com o público consumidor como uma solução dentro do mercado da pornografia. Para tanto, direcionamos nosso foco a análise ao conjunto de ofertas da empresa Erika Lust e ao discurso contido em seu livro *Porno para mujeres*, uma espécie de manual para a pornografia feminista. Tais referências nos permitiram ter acesso a pistas sobre as estratégias mercadológicas empregadas na construção desse produto, que demonstraram a tendência de criação de mercados de soluções, configurados como um tipo de redução aos anos ofertados pela produção massificada e, apoiados em uma ética do consumo, que parte da responsabilização dos sujeitos sobre o que por ele é consumido, frente, contudo, a determinação última da produção.

Se à primeira vista o pornô feminista expressa uma solução revolucionária, isto é, uma possibilidade de transformar a forma como a pornografia é convencionalmente produzida, em última instância, ele é uma mercadoria inscrita sobre a lógica da produção industrial capitalista. Sua estética artística, sua apresentação suavizada, seu direcionamento a um estilo de vida mais sofisticado e sua tentativa de fundamentação política discursiva soam como uma alternativa viável. Ele parece, mas não é. Tudo nessa mercadoria é sistematicamente construído por concepções mercadológicas, baseadas em estudos que compreendem todo o processo de troca, desde a identificação de demandas, até sua distribuição. Sob a dinâmica da produção capitalista, essa mercadoria não só é

realizada com o fim último de gerar lucro, como também, não é capaz de promover efeitos coletivos de relevância sobre relações de poder que são estruturais.

6. BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Nuno César. *O Olhar Pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado das Letras. 1996.

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BECK, Ulrich. *Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade*. SP, 2 ed. Editora 34, 2010.

CYFER, Ingrid. Liberalismo e feminismo: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2010, vol.18, n.36, pp.135-146.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200009&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em 26 set 2019

CYRINO, Rafaela. Representações de gênero no mundo do trabalho: a incorporação normativa do gênero pela mídia. In: TROPIA, P.C; TOSTA, T.L.; GONÇALVES, E.; VANNUCHI, M. L.; SOUZA, M.F.(Org.). *Mulheres trabalhadoras: (in)visíveis?*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 91-109.

DELPHY, Christine. A materialist feminism is possible. *Feminist Review*, no 4. Reino Unido, março de 1980, pp. 79-105. Disponível em: Acesso em 28 ago. 2019.

DELPHY, Christine. O inimigo principal: a economia do patriarcado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, no 17. Brasília, maio - agosto de 2015, pp. 99-119.

DE GOUGES, M.-O. *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne (1791)*. In: *Œuvres*. Paris : Mercure de France, 1986. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/D%C3%A9claration_des_droits_de_la_femme_et_de_la_citoyenne

DWORKIN, Andrea. Against the Male Flood: Censorship, Pornography and Equality. In: CORNELL, Drucilla. *Feminism and Pornography*. Oxford, UK: Oxford University Press, 200

ERIKALUST. Disponível em: <<http://erikalust.com/>>. Acesso em: 08 nov. 2019

EROTICFILMS. Disponível em: <<https://eroticfilms.com/>>. Acesso em: 08 nov. 2019

FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. In: *Methods of critical discourse analysis*. org: Wodak e Meyer, 2 ed. Londres: Sage, 2005. Tradução: Iran Ferreira.

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. Edição original: 1970.

GERBASE, Carlos. Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 31, dezembro de 2006.

GUILLAUMIN, Colette. Prática do poder e ideia de natureza. In: ABREU, Maira; ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica; FALQUET, Jules (Org.). *O patriarcado*

desvendado: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet, Nicole- Claude Mathieu. Recife, SOS Corpo, 2014.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual da palavra. *Cadernos Pagu* (22) 2004: pp.201-246.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*. vol. 26 nº.1 São Paulo Jan./Jun 2014

ĨNIGUEZ, Lupicínio. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução: Vera Lúcia Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos*. Cebrap, 86: 93-103, São Paulo, 2010.

LAS CASAS, Alexandre Luzzi. *Administração e marketing: conceitos, planejamento e aplicações à realidade brasileira*. São Paulo: Atlas, 2006

LEITE JR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

LOWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Múchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 5ª ed. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987

LUSTCINEMA. Disponível em: <<https://www.lustcinema.com/>> Acesso em: 08 nov. 2019

LUST, Erika. *Porno para mujeres: Una guía femenina para entender y aprender a disfrutar del cine X*. Editora Melunisa, 2008.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Tradução: Nélío Schneider - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. *O Capital: crítica da Economia Política*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Crítica da filosofia do direito*. Boitempo: São Paulo, 2013

MAINGUENAU, Dominique. *O Discurso Pornográfico*. Tradução: Marcos Marcionillo. – São Paulo: Parabólica Editorial, 2010.

MENDES, Ana Paula Ferreira. LISBOA, Carolina Rodrigues. *O prazer é meu: Participação e consumo de mulheres na indústria pornográfica*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Jornalismo, julho de 2014.

MORAES, Livia de Cássia Godoi. O 'empoderamento' como prática política feminista: fundamentos históricos e ideológicos. In: IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais, 2018, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2018. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/iassc/GT6/GT6-07- Livia.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

RIBEIRO, Raísa Duarte da Silva. Discurso de ódio, violência de gênero e pornografia: entre a liberdade de expressão e a igualdade. Niterói, 2016.

RIBEIRO P., C. Tchou Tchou Velho Pornozão?: a pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. 2014.

ROCHA, Angela; FERREIRA, Jorge Brantes; SILVA, Jorge. *Administração de marketing: conceitos, estratégias, aplicações*. Editora Atlas S.A., 2012.

RUBIN, Gayle. *Tráfico de Mulheres: Notas sobre a economia política do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

PISCITELLI, Adriana. *Gênero no Mercado do sexo*. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.7-23.

PRECIADO, Beatriz. Biopolitique du genre. In : Rouch, Hélène ; Dorlin, Elsa; Fougeyrollas-Scwebel, Dominique. *Le corps, entre sexe et genre*. L'Harmattan: Paris, 2005

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Revista Estudos Feministas, vol. 19, n. 1, p. 11-20, jan.-abril 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso> . Acesso: 01 jul. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, Patriarcado, Violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, Léa Menezes e RUBIM, Lindalva Da Silva. Feminismo E Pornografia: Distanciamentos E Aproximações Possíveis. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/349/225>> . Acesso em: 17 abr. 20

SARDENBERG, Cecília. *Conceituando empoderamento na perspectiva feminista*. Comunicação oral apresentada no I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO', NEIM/UFBA, Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SCOTT, Joan. Genre: une catégorie utile d'analyse historique. In: SCOTT, Joan. Le genre de l'histoire, Cahiers du GRIF: Paris, p. 125- 153, 1988

_. Gênero: uma categoria útil para análise histórica (1988). Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 08 out. 2017.

SILVA, Carolina Parreiras. 'Altporn', corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online. 2015. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

THE FEMINIST PORN AWARDS. Disponível em: <<http://www.feministpornawards.com/>>. Acesso em: 08 nov 2019

